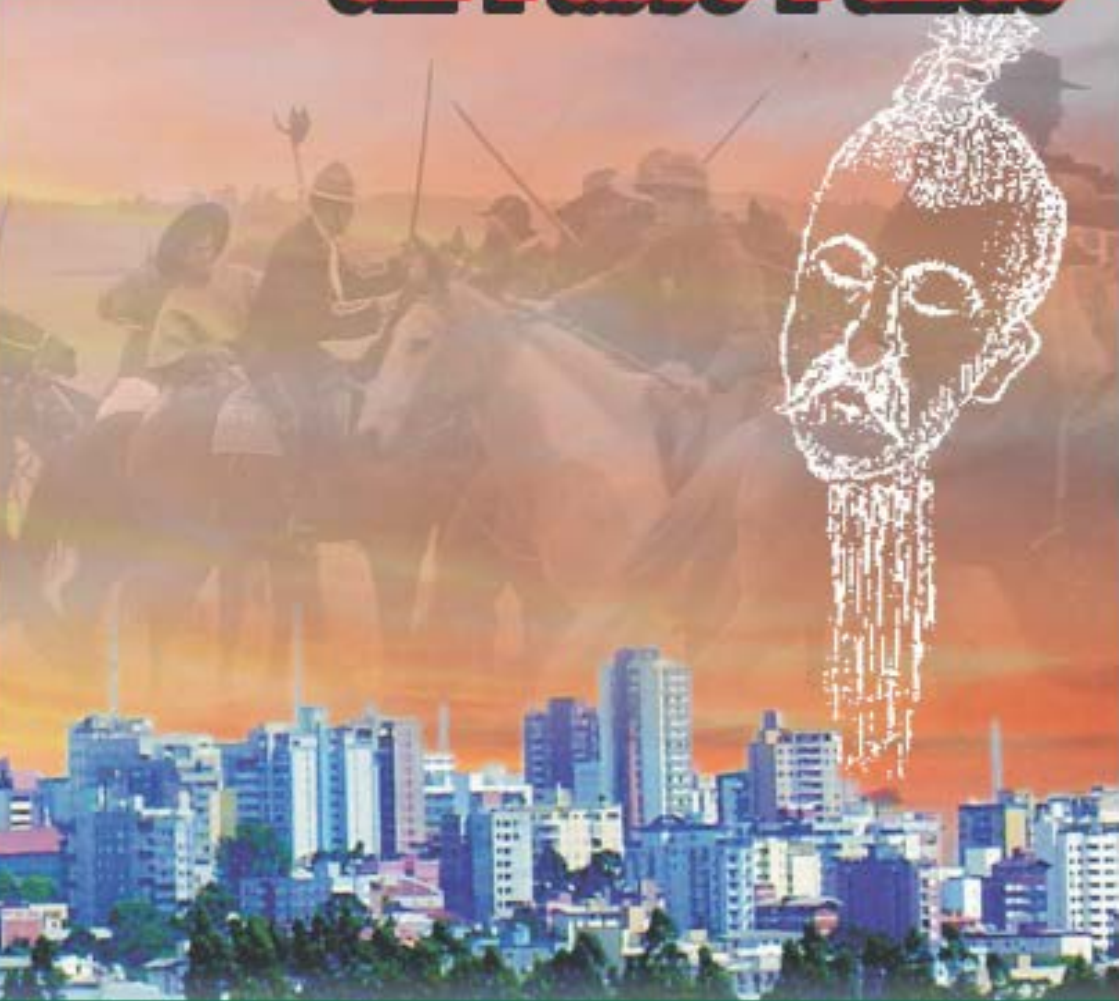


Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo



Paulo Monteiro

Paulo Monteiro

Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Passo Fundo
2011

Paulo Monteiro

**Combates da Revolução
Federalista em Passo Fundo**

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2011

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: História. Passo Fundo: Berthier, 2006. 116 p.; 21 cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhualgal 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 15/09/2011

M775c Monteiro, Paulo

Combates da Revolução Federalista em Passo
Fundo [recurso eletrônico] / Paulo Monteiro. – Passo Fundo
: Projeto Passo Fundo, 2011.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-02-8

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Passo Fundo (RS) – História. 2. Rio Grande do
Sul – História – Revolução Federalista, 1893-1895. I. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Em memória de meus avôs José Mendes Monteiro e Álvaro Soares da Silva (Alvinho Duro), que me contaram Histórias da história oficial, e de meus bisavôs Alexandre Mendes Monteiro, que perdeu sua estância para os poderosos de plantão, mas não curvou a espinha, Joaquim Soares da Silva (Quincas Duro), veterano da Revolução Federalista, e João José da Silva, que sobreviveu à Batalha do Pulador preservando a memória de seus camaradas espingardeados depois do confronto.

Apresentação

“Livros são navios que percorrem os vastos mares do tempo”
Francis Bacon

“Nenhum homem é o bastante para governar os outros
sem seu consentimento”
Abraham Lincoln

“Paulo, que boa idéia! Com este livro, finalmente entenderemos tudo o que se passou na Revolução de 1893!” Assim se manifestou Antonio Augusto Meirelles Duarte, o mais versátil homem de comunicação desta região do país e atual presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, ao saber dos planos do confrade Paulo Monteiro de publicar o livro “Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo”.

Se entender as nuances desta Revolução é difícil para o bem informado e literato Meirelles Duarte, imagina para o público em geral!

Este é o livro certo para aprender sobre os Libertadores, os Federalistas, os Chimangos, os Maragatos, os Pica-Paus, os Vira-Bostas. Neste livro é também possível compreender melhor a participação de personagens que “conhecemos de nome”, como Gervazio Luccas Annes, capitão Eleutherio, generais Antonio Ferreira Prestes Guimarães, Gomercindo Saraiva e Luiz Alves de Oliveira Salgado, o intendente (prefeito) Frederico Guilherme Kurtz, o presidente do Estado (governador) Júlio de Castilhos, dentre outros. Estes personagens centrais e milhares de outros participantes foram peças-chaves num sem-número de combates que ocorreram ao redor de Passo Fundo, como os do

Boqueirão, do Arroio Teixeira, do Passo do Cruz, do Umbu, dos Valinhos, dos Três Passos, do Jabuticabal, do Tope, do Campo do Meio, do Passo dos Britos, do Povinho, do Butiá, e o mais consagrado e sangrento, a BATALHA DO PULADOR, chamada hoje pelos historiadores de “Batalha de Passo Fundo”. Numa época em que o fuzil era um artigo de luxo, os combates se davam, na maioria das vezes, entre homens carregados de raiva e de ideais, munidos apenas de lança e facão, em fratricidas lutas corpo-a-corpo. A degola sumária dos vencidos evitava o incômodo de transportar e alimentar prisioneiros. Por estes e outros motivos que Passo Fundo quase se transforma em “cidade arrasada” neste período. Ao traçar suas árvores genealógicas, a maioria das famílias tradicionais desta ligada logo encontrará seus membros envolvidos nesta Revolução. De um lado ou de outro.

Apaixonado pelo assunto, Paulo Monteiro nos brinda com este livro de fácil leitura e entendimento de um período já quase esquecido da nossa história. Por tudo o que já pesquisou, estudou, comparou e escreveu, Paulo Monteiro deve ser considerado uma das maiores autoridades no assunto “Revolução de 1893”.

Tenho o prazer de desfrutar da companhia semanal de Paulo Domingos da Silva Monteiro desde outubro de 2001, quando foi empossado na Academia Passo-Fundense de Letras. Porém, já conhecia a sua atuação e liderança desde os bancos escolares, onde fomos contemporâneos no então CENAV (Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, hoje EENAV). Criado em berço modesto, Paulo Monteiro nasceu em 1954 em Passo Fundo, na localidade de Santo Antônio. Dois anos mais tarde, a família Monteiro foi a primeira a fixar-se na recém iniciada Vila Jerônimo Coelho. Religioso, ético, leitor voraz de tudo o que lhe passava pelas mãos, Paulo Monteiro foi sempre um apaixonado pelas causas nas quais acreditou. É um líder pró-ativo, não apenas um questionador ou teórico de plantão. Teve militância político-estudantil no início dos anos 70, no mais dramático e duro momento da ditadura militar, sendo presidente do Grêmio Estudantil, fundador e líder estadual da Juventude do extinto Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Nesta

época iniciou também intensa atividade cultural, quando fundou o Grupo Literário “Nova Geração”, a revista “Presença” e o periódico literário “Quero-Quero”. Nos anos 80 liderou e fundou a União das Associações de Moradores de Passo Fundo (UAMPAF). Consolidou o movimento comunitário na sua passagem pela Coordenação das Associações de Bairros (CAB), em 1988. Pelo seu excelente trabalho local, integrou o Conselho de Desenvolvimento da Região da Produção (CONDEPRO) e foi alçado a cargos diretivos na Federação Rio-Grandense das Associações Comunitárias e de Amigos de Bairros (FRACAB) e Confederação Nacional das Associações de Moradores (CONAM). A partir dos anos 90 passou a dedicar mais tempo à cultura brasileira, gaúcha e passo-fundense. Pertence a treze diferentes entidades culturais no Brasil e exterior e possui centenas de artigos publicados em livros, revistas, jornais locais e de outras cidades, etc. Como atual vice-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras tem Câmara, colaborador da revista “Somando”, do jornal “Rotta”, dentre outros. Atualmente trabalha da Escola Lucille Fragoso de Albuquerque.

Paulo Monteiro é casado com Maria Nelci e possui cinco lindas filhas: Cris Daniele, Nadejda Aparecida, Rozalia Natália, Paula Tatsuia e Sara Adália.

Indivíduo pró-ativo, líder comunitário, humanista, político, historiador, pensador, chefe de família presente, confrade sempre aberto e receptivo a novos desafios, Paulo Monteiro é, para mim, o melhor modelo da citação de Eça de Queiroz: - “Para ensinar há uma formalidade a cumprir: saber”.

Osvandré Lech
Membro das Academias Passo-Fundense
de Letras e de Medicina
Passo Fundo, novembro de 2006

Sumário

Apresentação.....	9
Sumário.....	13
1 O Combate do Boqueirão.....	15
2 O Combate do Arroio Teixeira ou Combate do Guamirim	19
3 Os Dois Combates do Passo do Cruz.....	24
4 O Combate do Umbu.....	28
5 Combate dos Valinhos.....	31
5.1 A Causa Imediata	31
5.2 Forças Envolvidas	32
5.3 Plano de Combate.....	34
5.4 O Local do Combate	35
5.5 O Auge	37
5.6 Morticínio	38
5.7 Perseguição.....	41
5.8 Cidade Arrasada.....	44
5.9 Guerra Total	44
5.10 Observação Final	46
6 O Combate dos Três Passos.....	48
7 Batalha do Pulador	59
7.1 A Passagem do Exército Libertador.....	60
7.2 Gomercindo e a Paisagem Serrana.....	61
7.3 Uma Vala Comum	64
7.4 Exército Libertador X Divisão do Norte	66
7.5 O Retorno dos Maragatos	67
7.6 O Exército Libertador Serrano.....	69
7.7 O Encontro dos Exércitos Maragatos	71
7.8 A Divisão do Norte, de Novo.....	72
7.9 A Caminho do Pulador	74
7.10 Começa a Batalha.....	76
7.11 A mortandade mmanhece	78
7.12 O corpo-a-corpo	81
7.13 Número de Mortos.....	89

7.14 O Nome da Batalha.....	94
7.15 A Importância da Batalha.....	96
8 Combates Menores ou Menos Conhecidos	98
8.1 Combate do Tope.....	100
8.2 Combate do Passo dos Britos.....	100
8.3 Combate do Povinho.....	101
8.4 Combate do Campo do Meio	102
8.5 Combate do Butiá.....	103
8.6 Combate do Pontão	104
8.7 Combate do Jabuticabal.....	105
8.8 Outros Combates	106
Bibliografia	107

1 O Combate do Boqueirão

Em princípios de 1893 a repressão aos federalistas era muito grande em Passo Fundo, Palmeira das Missões e Soledade. Quem não podia ou não queria migrar para outros estados ou para o exterior refugiava-se no interior das serras e florestas, armava-se como podia, oferecendo a resistência possível.

A perseguição atingia até mesmo presos comuns. Vários deles foram levados para os matos existentes nos Valinhos, e covardemente massacrados.

Registram-se fatos incríveis desses tempos sangrentos.

O general maragato Antonio Ferreira Prestes Guimarães escreveu que alguns desses presos eram mulheres. Uma delas, grávida, reconhecendo no chefe dos mascarados que a retiraram da cadeia, o avô da crianças que trazia no ventre, implorou pela própria vida e a do filho. O próprio líder do bando que, segundo a tradição maragata, seria um irmão do coronel Gervázio Luccas, Annes, abriu a barriga da infeliz, arrancando a criança. Reconhecendo, pelos cabelos cor de fogo, que era seu neto, fez dar sepultura decente à pequena vítima.

A resistência às arbitrariedades era comandada por Elisário Ferreira Prestes, Amâncio d'Oliveira Cardoso, Verissimo Ignacio da Veiga, Pedro Bueno de Quadros, José Antônio de Souza, mais conhecido como Palmeira, e José Borges Vieira.

Em meados de abril de 1893, José Antônio de Souza e Elisário Ferreira Prestes, à frente de 350 homens aproximaram-se de Soledade. Essa aproximação bastou para que o intendente Aldino Loureiro e uma guarnição de 300 homens abandonassem a cidade.

Elisário Prestes e Palmeira, uma vez dominada Soledade, investiram contra Passo Fundo. No caminho receberam a adesão de aproximadamente 600 combatentes, comandados por Amâncio d'Oliveira Cardoso. Ao aproximarem-se de Passo Fundo, o intendente Gervazio Luccas Annes e uma força de 400 homens, fortemente armados, sob o comando do capitão Eleutherio dos Santos, não quiseram oferecer resistência, preferindo retirar-se na direção de Cruz Alta, no dia 30 daquele mês de maio.

Com a cidade em mãos dos rebeldes, aumentou a concentração dos simpatizantes da causa vitoriosa que se apresentaram para a luta.

O domínio federalista seria muito breve. No dia 4 de junho já eram mais de mil combatentes, precariamente armados, e sem nenhuma instrução militar, quando os republicanos, reforçados por forças cruz-altenses voltaram para retomar a cidade.

A força republicana, composta de 290 homens de Passo Fundo, mais um reforço de 80 cruz-altenses sob o comando do coronel Afonso

Jacinto, conseguiu aproximar-se, protegida por uma forte cerração. Encontrou os federalistas à entrada da cidade.

Os atacantes formaram uma linha de infantaria, à direita, sob o comando do major Eduardo de Brito, atacando de flanco os defensores da cidade. Pelo centro o ataque foi comandado pelo coronel Gervazio Luccas Annes e pelo capitão Eleutherio. Os atacantes postaram, ainda, dois esquadrões de cavalaria à esquerda, comandados pelos coronéis Pedro Lopes de Oliveira e Afonso Jacinto, prontos para enfrentar a cavalaria maragata que avançava das imediações do Capão do Bugio (hoje Loteamento São Bento), tendo à frente o coronel Elisário Ferreira Prestes.

Os federalistas investiram contra o centro dos republicanos com uma carga de cavalaria, para partir a força adversária. Foi impossível. A fuzilaria dos homens de Eduardo de Brito e Gervazio Annes causou pesadas perdas na cavalaria maragata. Esta recuou. Enquanto isso, o flanco esquerdo dos republicanos fez retroceder a cavalaria que descia dos lados da atual Vila Vera Cruz, sob o comando de Elisário Ferreira Prestes.

O combate do Boqueirão, travado na manhã de 4 de junho de 1893, não durou mais do que meia hora. Deixou, segundo a historiadora Delma Rosendo Gehn, um saldo de 25 federalistas mortos no combate e 6 na retirada, além de um elevado número de feridos. Os republicanos tiveram 3 mortos e 10 feridos. Prestes Guimarães oferece números diferentes: 9 mortos e três feridos entre os federalistas e três mortos e um número ignorado de feridos entre os vencedores.

A autora de "Passo Fundo Através do Tempo" narra que Elisário Ferreira Prestes, ante a impossibilidade de operar com sua cavalaria, foi o

primeiro a abandonar o campo da luta, rumando em direção de Soledade. José Antônio de Souza, o Palmeira, seguiu atrás com seus comandados. Amâncio d’Oliveira Cardoso, pela Rua do Comércio, atual Avenida Brasil, foi perseguido até além da cidade, que não passava da atual Rua Coronel Chicuta.

Prestes Guimarães afirma que apenas uma "vanguarda de menos de 200 homens das forças libertadoras" enfrentou a força republicana superiormente armada. Palmeira teria se oposto a uma formal resistência e que, por isso, se retirou para Soledade, sendo seguido por outros combatentes. Conta que Elisário Ferreira Prestes e Amâncio d’Oliveira Cardoso, desgostosos com a situação, dissolveram suas forças.

Com a vitória republicana, as forças revolucionárias acabaram sendo desmobilizadas, restando apenas uma tropa de 150 homens, acampados no Campo do Meio e que seriam derrotados poucos dias depois.

2 O Combate do Arroio Teixeira ou Combate do Guamirim

Em princípios de 1891 a cidade de Passo Fundo foi ocupada por tropas irregulares fiéis ao líder liberal Antonio Ferreira Prestes Guimarães, que já exercera importantes cargos públicos municipais e provinciais, durante o Império. Prestes Guimarães foi professor, secretário da Câmara de Vereadores, vereador e presidente da Câmara, função que também abrangia as do atual prefeito. Eleito deputado provincial (estadual) chegou a exercer a presidência da Província do Rio Grande do Sul entre 25 de junho e 8 de julho de 1889. Foi o primeiro passo-fundense a assumir esse cargo.

Com a ocupação o poder municipal ficou em mãos de Prestes Guimarães. E seus comandados, em armas, permaneceram aquartelados onde hoje é a Praça Tamandaré, em frente à Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro. Era o começo da Revolução Federalista. No centro da praça, há décadas, como prova de que os republicanos venceram a Revolução, existe um busto do coronel Gervazio Luccas Annes, o mais representativo prócer do Partido Conservador, durante o Império, e do Partido Republicano Rio-Grandense, na República, em Passo Fundo.

Mais tarde o governo seria entregue, pacificamente, aos republicanos, em sua maioria conservadores transformados em cristãos-

novos do regime recém instaurado. Prestes Guimarães rumaria para a Fronteira, assumindo papel importante nas atividades armadas ali desenvolvidas pelas forças revolucionárias. Foi um dos mais destacados comandantes militares em operação naquela região, derrotando forças oficiais bem armadas e ocupando pontos estratégicos e populosos, à frente de seus comandados. Enquanto isso, os caudilhos serranos, fiéis a sua orientação política, permaneceriam em armas aguardando oportunidade para entrar em ação.

Um desses caudilhos era um fronteiriço de nome Verissimo Ignacio da Veiga, natural de Cacequi, casado com uma passo-fundense, e que para cá transferiu sua família, inclusive a mãe e os irmãos. Instalou-se com fazenda às margens do Arroio Teixeira, em terras que hoje pertencem aos municípios de Coxilha e Tapejara. A área era cercada por matas e terrenos íngremes, dominados pelos caigangues.

Estes primitivos habitantes, da nação Jê, também conhecidos como bugres, coroados ou botocudos, nunca apresentaram simpatias pelos governos dos brancos. Durante a Revolução Farroupilha foram atacados pelas forças caramurus, que defendiam o Império, e por duas vezes derrotaram às tropas oficiais. A primeira à tropa comandada por um tenente de nome Lúcio, vencido pelo cacique Marau, e outra, nada mais nada menos que ao famoso general Pierre Labatut, herói das guerras da Independência. Militarmente desmoralizado, o general francês respondeu a conselho de guerra, e morreria, pouco tempo depois, vítima de depressão profunda.

Os caigangues admiravam o líder liberal Antonio Ferreira Prestes Guimarães. E eram, com toda a certeza, muito amigos do coronel Verissimo Ignácio da Veiga. E tanto isto é verdade, que os republicanos, pejorativamente, se referiam a ele como "o bugre Verissimo".

Em novembro de 1893 o coronel Verissimo mantinha, posicionada, às margens do Arroio Teixeira, num local conhecido como Guamirim, uma tropa de 190 homens, bem montados, bem alimentados, mas precariamente armados. O local era estratégico, protegido por densas matas, à retaguarda, cortadas por uma íngreme picada controlada pelos combativos botocudos.

Em meados de outubro de 1893 o Exército Libertador comandado pelos generais Gomercindo Saraiva e Luiz Alves de Oliveira Salgado cruzou por Passo Fundo, rumo a Desterro (Florianópolis), onde havia sido instalado um governo revolucionário, sob a hegemonia de marinheiros sublevados. Com isso, o centro da Revolução Federalista se deslocou para a Região Serrana, com a mobilização da poderosíssima Divisão do Norte, comandada pelos generais Francisco Rodrigues Lima e José Gomes Pinheiro Machado, reforçada pelas tropas irregulares e guardas municipais a mando de intendentess e cabecilhas republicanos.

Em Passo Fundo, o então intendente Gervazio Luccas Annes, arquiinimigo político de Prestes Guimarães, desde os tempos imperiais, em que ambos disputavam o comando político da região (o primeiro liderando as hostes conservadoras e o segundo capitaneando os liberais) passou a sustentar força bem armada e adestrada, na sede do Município. Enquanto isso, no interior, piquetes de maragatos mantinham o controle militar, e, algumas vezes chegaram a ocupar a cidade.

Na manhã de 20 de novembro de 1893, uma tropa de 200 castilhistas bem armados atacou os 190 federalistas de Verissimo Ignacio da Veiga. No comando da força oficial estavam o major Felisberto Annes, que seria meioirmão do intendente de Passo Fundo, e o capitão João Crescêncio. A tropa republicana surgiu no alto de uma campina, vasta e

ondulada. E o combate durou até perto das 11 horas da manhã. A cavalaria maragata armara-se, em sua maioria, com cacetes de três quinas, lanças e até espadas, feitas de guamirim. O guamirim é uma planta da família das mirtáceas, reconhecida pela dureza de sua madeira, usada para palanques de cercas e cepos de casas, no interior.

Ao final do combate jaziam, no campo de batalha, 34 atacantes mortos, entre os quais o major Felisberto Annes e o capitão João Crescêncio, morador do Mato Castelhana. Crescêncio tombou num duelo à espada com o coronel Verissimo. Este, ferido no braço esquerdo com um balaço, mais um outro ferido, e um combatente morto foram as únicas vítimas entre os revolucionários.

Os vencidos, além dos 34 mortos, deixaram cair em mãos dos vencedores, 34 cavalos encilhados, 10 Remingtons, duas Comblains, três carabinas, pistolas, revólveres, 12 espadas e algumas lanças. Os sobreviventes fugiram para a cidade, a toda pressa, ou embrenharam-se nas matas da serra do Capoeê.

Prestes Guimarães, que deixou um relato desse combate, afirma textualmente: "Os vencedores, ainda que pareça inverossímil, é certo, só tiveram um morto e dois feridos!". E conclui dizendo: "Se o heroísmo dos revolucionários foi grande, é legendária a indômita bravura de Verissimo; também os legalistas andaram bem, atacando com fervor, e a prova de não se terem portado covardemente está no considerável número de seus mortos, inclusive seus chefes".

No dia 22 de junho de 1894 o Exército Libertador comandado por Gomercindo Saraiva, após dois meses de retirada desde a Lapa, no Paraná, saiu nos campos de Passo Fundo, exatamente no Guamirim.

Pernoitaram ali, contemplando os esqueletos dos vencidos, rodeados pelas rústicas armas que os maragatos de Verissimo Ignácio da Veiga haviam deixado ao lado dos cadáveres, conta Angelo Dourado, médico daquele exército rebelde, em seu livro "Voluntários do Martírio". Tal era o domínio dos federalistas sobre o município de Passo Fundo que os republicanos não se encorajaram a se quer procurar dar sepultura a seus mortos, deixados ali como demonstração do poderio revolucionário.

O Combate do Arroio Teixeira, também conhecido como Combate do Guamirim, é um dos fatos mais impressionantes, pelo que há de excepcional, na história das revoluções brasileiras, somente comparável, à Batalha dos Gurarapes, travada entre forças piauienses armadas de espingardas, foices, machados, espadas, facas, facões, tridentes, chuços, ferrões de vaqueiros, patachos, arcos, flechas e cacetes, e o bem equipado exército português, comandado pelo major João José da Cunha Fidié, em 13 de março de 1923. A vitória, aí, coube ao exército colonial.

3 Os Dois Combates do Passo do Cruz

Após o Combate do Arroio Teixeira ou Combate do Guamirim (20/11/1893), em que uma tropa republicana saída da sede do município foi derrotada pelo piquete comandado pelo coronel Verissimo Ignácio da Veiga, as forças oficiais se reorganizaram e prepararam um revide à altura do revés sofrido.

O "bugre Verissimo", como era chamado pelos adversários, devido às relações amistosas mantidas com os caigangues que dominavam as serras circunvizinhas de Passo Fundo, continuava acampado às margens do Arroio Teixeira. Próximo dali jaziam os corpos dos pica-paus tombados no desigual confronto de 20 de novembro. Ao mesmo tempo mantinha patrulhas até a estrada de Mato Castelhana, para o Leste, e próximo à sede do município, para o Sul. O principal acampamento dessas avançadas situava-se no Passo do Cruz, proximidades da casa do capitão maragato Silvio Alves de Rezende.

No dia 20 de dezembro de 1893, exatamente um mês após a derrota do Guamirim, um piquete castilhistas, sob as ordens do capitão Francisco Brizola, atacou, pela madrugada, o reduto revolucionário instalado às margens do Passo do Cruz. O ataque foi desbaratado e os legalistas deixaram dois mortos, voltando o restante à toda velocidade provocando alarme entre os companheiros que ficaram na cidade.

O chefe brigadiano, que comandava o destacamento da Brigada Militar, e já derrotaram um piquete revolucionário, comandado por Theodoro Ignácio da Veiga, irmão do "bugre Verissimo", durante um combate travado no Butiá, a 26 de novembro de 1893, resolveu "vingar ao pé da letra o agravo da manhã", na expressão do general Prestes Guimarães.

O capitão Eleutherio, à frente de 180 homens, parte deles comandados pelo mesmo Francisco Brizola, partiu para o Passo do Cruz. Conseguiu chegar antes do coronel Verissimo Ignacio da Veiga, que se encontrava próximo do Guamirim. Encontrou 150 revolucionários, comandados pelo major João de Souza Ramos e o capitão Theodoro Ignacio da Veiga, ainda eufóricos pela vitória da madrugada.

Eleutherio iniciou o combate atacando os maragatos. Estes responderam prontamente. Ao final de uma hora, o campo estava dominado pelos revolucionários. Os atacantes deixaram no local 25 mortos, entre eles o capitão Francisco Brizola. Como butim de guerra, os vencedores contabilizaram mais de 40 cavalos encilhados, 32 armas de fogo de cano longo, pistolas, revólveres, espadas, lanças e um cargueiro com munição.

Os revolucionários perseguiram os vencidos, inclusive o capitão Eleutherio. Este, ferido à bala nas espáduas, não conseguiu chegar vivo à cidade, caindo morto a menos de três quilômetros dela. Com a notícia dessa nova derrota os republicanos passo-fundenses, militares e civis, abandonaram a cidade na direção de Cruz Alta. O pânico deve ter sido maior pelo fato de que o próprio intendente, coronel Gervazio Luccas Annes, já não se encontrava na sede do município.

Os maragatos entraram na cidade, não sem antes recolherem o corpo do capitão Eleutherio dos Santos dando-lhe um sepultamento digno no cemitério católico. É bom que se diga que, à época, ainda seguindo uma tradição discriminatória do Império, Passo Fundo dispunha de um cemitério para os católicos e outro para as não católicos. Estes eram sepultados na parte fronteira de onde mais tarde seria construído o Quartel do Exército Brasileiro, na atual rua Teixeira Soares.

No dia seguinte o coronel Elisiário Ferreira Prestes e o tenente-coronel José Borges Vieira, veterano da Guerra do Paraguai, que chegavam de Soledade com uma força de 200 cavaleiros maragatos, perseguiram os fugitivos. Alcançados nas imediações de Carazinho foram atacados pela retaguarda, perdendo para os perseguidores três cargueiros carregados, dois carretas com diversos gêneros, além de gado vacum e cavalos.

Embora os historiadores falem no "Combate do Passo do Cruz", na verdade foram dois combates travados no mesmo dia e no mesmo local. Isto porque, se a força revolucionária era a mesma, pois não houve tempo de receber reforços, bateu-se com duas tropas completamente diferentes. A primeira era um corpo irregular, de "voluntários", e a segunda, sob o comando do capitão Eleutherio, tendo por base forças da Brigada Militar, acrescida dos "voluntários" que tinham conseguido chegar à cidade.

Eleutherio dos Santos, deixou fama de homem leal para com os adversários, mantendo um comportamento típico de militar de carreira, como de fato era. Já Francisco Brizola, comandava mais um dos grupamentos "paramilitares", como se diria em linguagem de hoje, que eram organizados nos municípios, àquela época, e ficavam a serviço dos cabecilhas legalistas.

Os republicanos jamais esqueceram as derrotas sofridas durante a Revolução Federalista. E tanto isso é verdade, que mesmo depois da "pacificação do Rio Grande", ocorrida no segundo semestre de 1895, a perseguição aos maragatos continuou. Prova disso é que o capitão federalista Silvio Alves de Rezende, seria uma de suas das vítimas. No dia 15 de novembro de 1898 Silvio e o primo, José Alves de Rezende, foram assassinados por sicários a mando dos dirigentes do Partido Republicano Rio-Grandense de Passo Fundo. Quando o capitão federalista, despreocupado e tranqüilo, maneava seu cavalo, foi atacado por cinco elementos armados, que lhe desferiram uma descarga, provocando morte instantânea. José tentou defender o primo e recebeu vários disparos, vindo a falecer três dias depois. Além do assassinio, os cinco bandidos saquearam o corpo do capitão Silvio Alves de Rezende em 600\$, relógio e outros objetos de valor que trazia consigo. Os homicidas não foram presos e dias depois passeavam pelas ruas de Passo Fundo, alardeando ainda o crime.

4 O Combate do Umbu

Em princípios de 1894 as forças revolucionárias passo-fundeses eram superiores a 1.400 homens, organizados em torno de quatro corpos de cavalaria. Eram comandados por Verissimo Ignacio da Veiga, Elisário Ferreira Prestes, José Borges Vieira e Pedro Bueno de Quadros.

A primeiro de janeiro daquele ano Elisário Ferreira Prestes e Pedro Bueno de Quadros, marcharam unidos para o Passo do Jacuizinho, na divisa de Passo Fundo e Cruz Alta e ali encontraram um grupo de picapaus guardando o passo. Ofereceram combate, perdendo um alferes e um soldado. Os legalistas fugiram, amargando a perda de dois soldados e do coronel Francisco Victor.

A morte do oficial legalista provocou profunda consternação em Cruz Alta. Foi organizada uma poderosa expedição, com cerca de 1.500 homens, sob o comando do próprio coronel José Gabriel da Silva Lima, intendente daquele município, auxiliado pelos coronéis João David Ramos e Gervazio Luccas Annes, este, como sabido, intendente de Passo Fundo.

No dia 16 de janeiro os atacantes levantaram acampamento, pensando em chegar antes do meio-dia a Passo Fundo. Às 8 horas, no local conhecido como Umbu, entre São Miguel e Pulador, foram

surpreendidos por uma força maragata, que se aproveitando do terreno, carregou pela frente e pelos flancos, envolvendo os legionários num círculo de fogo e cargas de lança seca.

O combate durou cerca de duas horas. Ao final, os revolucionários tinham alcançado uma vitória completa. Os pica-paus deixaram mais de duzentos mortos, entre os quais o coronel João David Ramos, que seria o verdadeiro chefe militar da coluna, e os tenentes-coronéis Tatim, de Soledade, Procópio Gomes, do Lagoão, Francisco Bier, de Passo Fundo, e diversos outros oficiais de menor graduação, como o tenente José Martins da Cunha, alcunhado de Português, de Soledade. Os feridos foram muitos. Os mais famosos deles, o coronel Gervazio Luccas Annes, baleado nas costas, segundo Prestes Guimarães, numa perna, conforme Delma Rosendo Gehn, e noutra parte menos nobre, segundo a tradição popular. A mesma tradição reza que os prisioneiros foram degolados e seus cadáveres jogados numa lagoa que existia nas proximidades.

Delma Rosendo Gehn, cujo pai, Manoel Thomaz Rosendo, era oficial das tropas legalistas, afirma que o Combate do Umbu durou quatro horas, "tendo havido sérias baixas de ambos os lados".

Prestes Guimarães relata que os revolucionários tiveram 22 baixas, sendo cinco mortos, entre os quais o alferes Manuel Nunes, porta-estandarte do corpo de José Borges Vieira e 17 feridos.

O butim de guerra foi assim contabilizado: 12 carretas carregadas, dois carros de bois, com os respectivos animais, mais de 500 cabeças de gado vacum e um igual número de cavalos, 50 cargueiros, dois estandartes, uma corneta, grande quantidade de armamento e munição, além de 42 prisioneiros. Além disso, nas carretas foram entrados

churrascos assados com couro, doces, foguetes, e até a Ordem-do-Dia, em que já era celebrada a vitória imaginada pelos atacantes.

O Combate do Umbu teve intensa repercussão, fazendo com que o comando legalista ordenasse marchar às pressas para Passo Fundo a poderosa Coluna Santos Filho, deslocando o centro da Revolução Federalista para esta parte do estado, participando de três sangrentos encontros armados: o Combate dos Valinhos (8 de fevereiro), o Combate dos Três Passos (6 de junho) e a Batalha do Pulador (27 de junho), onde foi decidida a sorte da Revolução.

5 Combate dos Valinhos

O Combate dos Valinhos, ocorrido no dia 8 de fevereiro de 1894, entre a 1ª Brigada da divisão responsável pelo guarnecimento da Estrada de Ferro Porto Alegre-Uruguaiana, brigada essa comandada pelo coronel Joaquim Thomaz dos Santos e Silva Filho, reforçada por republicanos de Passo Fundo e Cruz Alta, e os federalistas serranos, mormente passo-fundenses e soledadenses, é um dos fatos mais sérios e menos conhecidos da Revolução Federalista nesta parte do estado.

5.1 A Causa Imediata

Tudo começa no dia 16 de janeiro de 1894, quando uma força superior a 1.500 homens, comandada pelos coronéis legalistas Gervazio Luccas Annes e José Gabriel da Silva Lima, intendentess de Passo Fundo e Cruz Alta, respectivamente, sofrem uma fragorosa derrota no Umbu, local que fica entre a cidade e o atual distrito de Pulador, um pouco adiante do arroio Pinheiro Torto, seguindo pela velha estrada que levava ao então distrito de Carazinho.

Para retomar Passo Fundo, em mãos dos maragatos, veio de Cruz Alta uma expedição muito bem armada. Os legalistas acabaram destroçados pela cavalaria revolucionária, composta por quatro esquadrões, em sua maioria de lanceiros. Deixaram no campo de batalha

mais de 200 mortos, 12 carretas carregadas, com as respectivas boiadas, mais de 500 cabeças de gado vacum e igual número de cavalos, 50 cargueiros, armamento e munição, dois estandartes e 42 prisioneiros. Gervazio Annes, ferido nas costas, e José Gabriel, coçando a barba ao melhor estilo dos macacos, voltaram a toda pressa para Cruz Alta. Diz a tradição oral que, depois do combate, muitos prisioneiros foram degolados e seus corpos lançados em um valo ou lagoa existente nas proximidades.

O certo é que a derrota dos pica-paus no Umbu causou alvoroço em todo o estado, fazendo com que a Brigada Santos Filho, então estacionada em Cachoeira do Sul, como parte da divisão responsável pela proteção da Estrada de Ferro Porto Alegre Uruguaiana, fosse mobilizada às pressas para enfrentar os federalistas.

5.2 Forças Envolvidas

A ordem para que a tropa castilhista se dirigisse a Passo Fundo foi recebida às 8 horas da manhã do dia 18. Às 13 horas começou o embarque e, à tardinha, o 7º corpo, com alguma cavalaria, seguia de trem para Santa Maria. No dia 22 já estava acampada em Lagoão, próximo de Júlio de Castilhos, quando por ali passou o coronel Gervazio Annes em direção à Capital do estado, em busca de proteção e socorro.

Depois de permanecer entre 26 e 31 de janeiro em Cruz Alta continuou a marcha, reforçada, no dia seguinte, reforçada pelo coronel José Gabriel e 500 homens sob seu comando. No dia 3 de fevereiro já se encontravam em Santa Bárbara, mantendo tiroteio com um piquete federalista, que recuou até o arroio Dois Irmãos. Ali os republicanos pernотaram, tendo os maragatos quase à vista. Marcha e tiroteio continuaram no dia seguinte até o Jacuizinho. Quatro dias depois, sempre

trocando tiros, os pica-paus chegaram à Fazenda dos Mellos, no Pulador, onde acamparam.

A maior parte dessa caminhada, desde Cachoeira do Sul, foi feita abaixo de chuvas torrenciais ou sob intensa umidade, o que dificultou os movimentos da brigada republicana.

Na noite de 7 para 8 de fevereiro, um morador amedrontado com os republicanos, correu e, ferido, foi preso no mato contíguo, onde se escondeu. Acabou dando informações sobre número e localização dos federalistas. Conta a tradição oral que esse "informante", mais tarde, acabou enlouquecendo e se suicidando, torturado pelo remorso, autoacusando-se de responsável pela carnificina do dia seguinte.

As forças que se envolveriam no confronto eram constituídas de 1.700 legalistas, dos quais 1.200 pertenciam à Brigada Santos Filho e 500 à tropa sob o comando do coronel José Gabriel, intendente de Cruz Alta, com homens daquele município e de Passo Fundo. Os federalistas, ao redor de 1.500 combatentes divididos em quatro corpos de cavalaria, comandados pelos capitães José Borges Vieira, Verissimo Ignacio da Veiga, Pedro Bueno de Quadros e Elisário Ferreira Prestes.

É interessante frisar que esses caudilhos serranos não tinham o apoio político e em armamentos dispensado por Gaspar da Silveira Martins às forças revolucionárias que atuavam na Fronteira. Adotavam o título de "capitães" porque estavam submetidos à liderança política de Antonio Ferreira Prestes Guimarães, que não tinha, ainda, sido proclamado general, constituindo o Exército Revolucionário Serrano. Embora atuando com plena independência do líder federalista passo-fundense, que

desenvolvia intensa atividade armada na Fronteira, os caudilhos serranos se consideravam sob seu comando militar.

Santos Filho informa que sua força era de 1.550 homens e que teria usado apenas 550 combatentes, alguns deles atiradores da gente do coronel José Gabriel. Entre estes estavam a Guarda Municipal de Passo Fundo, criada em 1º de outubro de 1892, pelo intendente (prefeito) Frederico Guilherme Kurtz, e a Guarda Republicana, surgida em 1893, conhecida como Treme-Terra, que dispunha até de uma banda de música.

5.3 Plano de Combate

Próximo à Fazenda dos Mellos fica a Coxilha do Umbu. Em 1894 era um bonito rincão de campos limpos, rodeados de matos pelo sul e um arroio. No alto dessa coxilha existiam dois grandes umbus que deram nome ao local de onde se avistava a cidade de Passo Fundo. A Coxilha do Umbu, limitada ao norte pelas nascentes do Rio da Várzea, era na verdade um boqueirão de campo, em meio a dois matos afastados cerca de 300 metros para cada lado da estrada geral, protegidos por profundos valados naturais. Ali os federalistas armaram fortes emboscadas, esperando os atacantes, a exemplo do que ocorrera a 16 de janeiro. Pouca gente aparecia no alto da coxilha.

Às 2 horas da madrugada do dia 8 de fevereiro de 1894 os maragatos haviam se recolhido às posições escolhidas. Uma parte ficara no alto e o restante emboscou-se nos matos ao redor do campo. Nesse horário os republicanos, protegidos pelas brumas da manhã, movimentaram as carretas e o grosso de suas forças para a esquerda da Fazenda dos Mellos, atravessando as nascentes do Rio da Várzea, procurando chegar à posição desejada: a coxilha existente nos Valinhos,

bem à esquerda do Umbu. Para ocultar o movimento, Santos Filho mandou seguir uma linha de cavalaria para uma outra colina que existe à esquerda, apenas com menos matos, simulando aceitar combate.

Quando os maragatos, já com o dia claro, perceberam a manobra abandonaram suas posições e carregaram sobre o esquadrão de lanceiros e a linha de atiradores que o protegia. Era tarde. Os republicanos conseguiram atingir os Valinhos. Os falsos atacantes recuaram. Os revolucionários abandonaram suas posições e lançaram piquetes de tiro contra todo o flanco direito dos inimigos, da vanguarda à retaguarda. Os republicanos formando um grande círculo, com o transporte ao centro, marchavam desembaraçadamente para o ponto almejado.

Maragatos e pica-paus acabaram convergindo para o local planejado pela Brigada Santos Filho. Estenderam-se linhas de atiradores, rompendo fogo de ambos os lados por volta das 11 horas e 35 minutos.

5.4 O Local do Combate

Quando estudamos o combate do dia 8 de fevereiro de 1894 a primeira questão que se nos apresenta é a da sua localização. Isso se deve aos nomes que se lhe atribui.

O capitão Pedro Carvalho, que fazia parte do comando da Brigada Santos Filho, foi um dos primeiros a escrever sobre o assunto, em 1897. É bastante claro. Legou, inclusive, uma planta do local. Os republicanos saíram da Fazenda dos Mellos, seguindo sempre para a esquerda. Deixaram uma força de distração na coxilha à esquerda da Coxilha do

Umbu, "até chegar à posição desejada, na coxilha dos Valinhos, bem à esquerda dos Umbus". Esse local recebia o nome de Valinhos, devido às diversas sangas profundas (valinhos) que correm para os locais mais baixos. Na planta publicada por Pedro Carvalho se vê claramente, o traçado retilíneo da antiga estrada Passo Fundo-Nonoai. Santos Filho, em documento do dia 18 de fevereiro, informa que o combate ocorreu no "lugar denominado Valinhos".

Depois, Prestes Guimarães fala em Areal, que dista nove quilômetros da cidade, próximo dos Valinhos, "protegido por um farto banhado que nasce junto à estrada geral do Passo Fundo a Nonoai". Ora, esse banhado é o local conhecido atualmente como "Barreiro", de onde, em tempos pretéritos, eram extraídos barro e areia. Daí, areal.

Antonino Xavier e Oliveira, em diversos trabalhos, fala em Passo d’Areia, o que gera confusão com um local do mesmo nome, situado entre Passo Fundo e Pontão.

Delma Rosendo Gehm que se serve, indistintamente, das informações de Pedro Carvalho, Prestes Guimarães e Antonino usa os nomes de "Areal ou Passo da Areia" e também "Combate do Valinho".

Qualquer pessoa que tenha inserção na comunidade passo-fundense sabe que, ainda nos dias de hoje (2006), perto do Posto Carga Pesada, há um local conhecido como Passo da Areia, muito distante do Passo da Areia, entre o Distrito de Bela Vista e a cidade de Pontão. Na verdade, há dois locais com o mesmo nome, não muito distantes um do outro.

Não resta dúvidas, pois, que o combate ocorreu na Coxilha dos Valinhos, próximo da estrada Passo Fundo-Nonoai, em local protegido por um grande banhado, o "Barreiro" ou "Passo da Areia". Portanto, bem próximo de onde hoje se encontra o Bairro Valinhos.

5.5 O Auge

Como os maragatos não podiam fazer um ataque direto aos picapaus o combate tendia à indefinição permanente. Diante disso, os revolucionários mandaram um esquadrão de lanceiros, com três estandartes vermelhos, seguir por uma canhada, chegando às margens do rio Passo Fundo, para atacar os inimigos. Segundo os republicanos eram 500 os lanceiros. Prestes Guimarães afirma que eram menos de 200.

Para receber o assalto da cavalaria, os republicanos formaram quadrados de infantaria e mantiveram linhas de atiradores, evitando que o restante da força adversária alcançasse os matos existentes nas proximidades. Restos desses matos nativos podem ser vistos nas proximidades do Bairro Valinhos. Os cavalarianos atacaram com todo o ímpeto, tentando romper as linhas legalistas. Chegaram a empregar seios de laço, amarrando os laços de um cavalo no outro, estirados nas cinchas, promovendo arrastão dos adversários.

Os atiradores das linhas começaram disparando de pé; ajoelharam-se, depois, e, finalmente, se deitaram, esperando os cavalos com as pontas das baionetas. Muitos cavalarianos chegaram até o centro da força oficial, onde morreram.

O confronto foi rápido. Em meia hora estava encerrado. Os lanceiros recuaram, sob descargas de infantaria.

5.6 Morticínio

Conta Pedro Carvalho, de cujas páginas tenho me socorrido, que em menos de uma quadra de circunferência, logo depois da carga, foram contados cerca de 91 mortos, muitos dos quais oficiais. Tiveram mais de oitenta feridos gravemente. Lembre-se que quadra, enquanto medida de comprimento, correspondia a 132 metros. Muitos outros mortos foram encontrados durante a perseguição que se seguiu ao combate.

Ao final, Santos Filho acaba contabilizando 106 mortos, no campo de batalha, mais 19 na perseguição até a cidade, e um número superior a 120 feridos, cerca de 70 dos quais gravemente.

O tenente-coronel Pedro Lopes de Oliveira, talvez o mais importante prócer republicano passo-fundense que participou do combate, informa que "os bandidos deixaram mais de noventa mortos no campo da luta e enorme quantidade de feridos".

Os republicanos, conforme documentos assinados pelo coronel Santos Filho, tiveram 35 mortos e 15 feridos, contabilizando entre seus mortos o capitão Joaquim Bittencourt, e 34 praças, inclusive o sargento Valencio Bittencourt, do piquete de Santos Filho; feridos, o tenente-coronel Fidencio Mello, o Major Randolpho Carneiro, os capitães Pedro Maciel e João Baptista, os tenentes Ismael Pereira e Quirino Trindade. Tomaram 70 lanças, 12 Comblain, quatro Winchester, muito armamento Minié, muitas

armas de caça, pistolas, espadas, duas bandeiras e inúmeros outros objetos.

Prestes Guimarães informa que os federalistas tiveram 34 mortos e 25 feridos, e dos mortos arrola os capitães Bento Pedra e Antonio Padilha, os tenentes Nonato Francisco de Borba, Emiliano e Silvestre Soares de Miranda e os alferes Izahias Antunes Leite e Damazo, de Xanxerê. Entre os feridos, os capitães Pantaleão Prestes Sobrinho e Francisco Ignacio da Veiga, os tenentes Miguel Fabrício das Neves e Pedro Gaspar e o alferes Chico Ruivo, evidentemente um apelido.

Em ofício datado de 18 de fevereiro, dirigido ao coronel Henrique Guatemossin Ferreira da Silva, seu comandante, Santos Filho afirma que "Dois bandidos enlouqueceram na ocasião do combate". Prestes Guimarães rebate contando que esses "bandidos" "Eram o capitão-mor Antonio Padilha e o alferes Damazo, que morreram combatendo, eles sós, contra toda a força de Santos Filho. Loucura ou heroísmo? Dizem que o heroísmo é uma espécie de loucura. Sublime loucura na verdade!..."

Já os republicanos, segundo o general passofundense, teriam tido mais de 60 mortos e cerca de 80 e tantos feridos, que foram conduzidos e tratados em Passo Fundo. Não fala em prisioneiros.

A historiadora Delma Rosendo Ghem, transcreve de O Nacional, edição dedicada aos 115 anos do aniversário de Passo Fundo, a informação de que Manuel Thomaz Rosendo, "Aos 16 anos de idade inscreveu-se nas fileiras legalistas, como voluntário na fratricida Revolução de 1893 tendo lutado no célebre combate do Passo da Areia, a oito de fevereiro de 1893 (sic), quando vencidos os federalistas, os adversários presos foram passados pelas armas. Manuel Rosendo, sentindo o drama

dos moradores, da já então cidade, que apavorada pelos gritos dolorosos da chacina do inimigo vencido, obteve licença do comandante de sua coluna, para convocar a banda do esquadrão e, assim, tocaram durante seis horas consecutivas para abafarem os clamores da matança" (Passo Fundo Através do Tempo, 2º vol., p. 134).

A historiadora passo-fundense é, reconhecidamente, uma autora responsável. Além de fontes escritas serviu-se de testemunhas e da tradição oral. Não atribuiria a seu próprio pai uma informação falsa. Assim, é evidente que, após o combate dos Valinhos, os prisioneiros foram massacrados. Ainda estava bastante presente a derrota sofrida no combate do Umbu pouco mais de 20 dias antes. E é claro que o confronto só pode ter ocorrido, próximo da cidade, para que ali os gritos fossem ouvidos...

A matança dos Valinhos, com os requintes de crueldade que o depoimento deixa transparecer, revela características de vindita. A intensidade do morticínio é indício de que a degola praticada contra os prisioneiros (entre os quais os feridos) no combate do Umbu, registrado pela tradição oral, realmente aconteceu. Assim estaria mais do que justificada a loucura e o suicídio do preso na Fazenda dos Mellos, que se tornou "informante".

Quando computamos os números de mortos e feridos, tendo sido estes últimos executados, se nos basearmos nos registros dos vencedores, concluímos que o total de vítimas pode ter sido até superior a 200, assim dispostas: 106 mortos no campo de batalha, 19 na perseguição até a cidade, e mais de 120 feridos chacinados. Se a esse número acrescentarmos os 35 federalistas mortos na perseguição até o Arroio Carreteiro, se elevaria a 280. Sem contar os mortos que foram sendo encontrados pelo caminho...

Pedro Carvalho à página 170 de seu livro "Campanha do Coronel Santos Filho" informa que logo após o combate foram sepultados os 35 mortos e carregados os 15 feridos republicanos, seguindo-se a perseguição à retaguarda inimiga. O mesmo autor (Idem, páginas 206 e 207) informa que no dia 3 de junho de 1894, quando a Brigada Santos Filho, já incorporada à Divisão do Norte, retornando do Paraná, via Nonoi/Pontão, "ao passar a divisão pelo lugar onde dera nossa brigada combate aos maragatos, a 8 de fevereiro, pediu o coronel Santos Filho licença ao general Lima para fazer continência ao campo, que estava ainda lastrado de ossamentas. Foi feita a continência". Se os pica paus mortos foram sepultados, as ossamentas que lastravam o campo só poderiam ser de maragatos...

5.7 Perseguição

Prestes Guimarães conta que os vencedores entraram na cidade, ao entardecer, enquanto os vencidos transpunham o rio Passo Fundo protegendo a retirada de famílias, temerosas do vandalismo dos triunfadores, buscando proteção na Serra do Capoeirê.

As tropas oficiais passaram o dia 9 de fevereiro na cidade, preparando-se para a perseguição ao inimigo, que seguiu na direção norte. Transferiram toda a munição das carretas para cargueiros, para maior rapidez na mobilização por regiões de serra. Marcharam cedo, no dia 10, encontrando os maragatos já no Povinho, entrada para o Mato Castelhana.

A perseguição propriamente dita começou nesse local e continuou de três para quatro léguas (perto de 20 quilômetros), quando os perseguidos debandaram em todas as direções.

À noite, os federalistas acampados, fora da estrada, às margens do Rio do Peixe, foram atacados. A debandada foi geral. Já haviam perdido três carretas e cerca de 1.500 rezes, um rebanho de ovelhas e muito armamento. Aí, acabaram deixando mais 11 carretas, carregadas de gêneros de fornecimento, munições e mais mil cabeças mansas de gado vacum, dois mil e tantos animais cavalares, vinte e tantos cargueiros, perto de 200 lanças, estandartes, muitas Comblains, Remingtons, Winchesters, Miniés, nove cunhetes de munição Minié, dois mil cartuchos de Comblain, pistolas, espadas, facões, cerca de 200 arreamentos e muitos outros objetos. O passo do Rio do Peixe fora interrompido por duas carretas que atolaram naquele local. Isso demonstra que os revolucionários tinham conhecimentos muito rudimentares da arte militar. Enquanto os republicanos se prepararam para ações rápidas eles continuaram empregando o moroso transporte das carretas. Diga-se, a bem da verdade, que compensavam a falta de preparo com a ousadia militar.

Entre o Mato Castelhana e o Rio do Peixe foram contados 35 federalistas mortos, afora os que pereceram afogados. Ao final a contabilidade é de 417 armas apreendidas, sendo 289 lanças, 91 armas de fogo de guerra, 37 de outros tipos, muitas das quais retiradas do fundo d’água.

Dentro de uma carreta estava um oficial ferido, que teve a perna quebrada no combate do dia 8. Foi transportado para a cidade, precisando ter aquele membro amputado. À noite, diversos maragatos apareceram no local, acabando presos e alistados nas forças republicanas.

A perseguição continuou no dia seguinte. Enquanto seesteavam na casa do tenente coronel republicano Diogo Rocha, que estava abandonada, receberam a notícia de que o general Isidoro Fernandes, prisioneiro no combate do Rio Negro, havia conseguido escapar. Para comemorar a boa nova, atiraram foguetes e bombas de dinamite, que tinham sido aprendidos aos maragatos e fizeram a banda de música tocar.

Os revolucionários, que estavam a pouca distância, no Rio Carreiro, completamente cheio pelas recentes chuvas, julgando um ataque de artilharia, abandonando o pouco armamento que portavam, lançaram-se nas águas, onde muitos morreram afogados.

Quando aí chegaram, no meio da tarde, os vencedores, vendo que a vitória era completa, acamparam, voltando, no dia seguinte, para o Rio do Peixe, mandando o 4º corpo para Quatro Irmãos, de onde retornou, no dia 15, dizendo não ter feito nada por não ter encontrado adversários. O 10º corpo seguiu para Não-Me-Toque com 1.600 rezes e dois mil animais cavalaes.

5.8 Cidade Arrasada

No dia seguinte, a Brigada Santos Filho acampou à vista de Passo Fundo, entrando na cidade a 17 de fevereiro. Conta Santos Filho, atribuindo a responsabilidade aos revolucionários:

Dolorosa perspectiva apresentava esta cidade quanto aqui cheguei, com apontada exceção, as casas comerciais saqueadas, tinham as portas escancaradas por onde se viam no interior os destroços do saque, balcões partidos, prateleiras nuas e estraçalhadas. As casas de famílias fechadas, com uma ou outra janela entreaberta, as ruas desertas e fétidas, aqui e ali cadáveres estrangulados, restos de carniça em putrefação, enfim, tudo exsudava essa amarga tristeza que sucedesse aos grandes crimes. Ao longo dos caminhos o mesmo espetáculo notava-se, igual luto, tamanha desolação! Os malefícios e canibalismos praticados pelos miseráveis atingem à soma incalculável, havendo casas completamente saqueadas em valor superior a 80 contos.

Santos Filho permaneceu em Passo Fundo até 25 de fevereiro quando começou o retorno para Cruz Alta, indo pernoitar no Pinheiro Torto.

5.9 Guerra Total

Prestes Guimarães, que nesse período estava exilado na Argentina, afirma que, após o Combate dos Valinhos os revolucionários fracionados tomaram várias direções, a maior parte seguindo para

Soledade. Verissimo Ignacio da Veiga, continuou resistindo na Serra do Capoeê.

Em fins de fevereiro, já refeitos, os maragatos planejaram cercar Santos Filho. Retornaram a Passo Fundo, reforçados com uma força comandada pelo coronel Francisco dos Santos Teixeira Vaz (avô do ex-prefeito de Passo Fundo César José dos Santos), que tinha casa em Carazinho. Antes que o plano fosse posto em prática é que Santos Filho retornou para Cruz Alta acompanhado de algumas famílias republicanas.

"Para cortar recurso ao inimigo, ou por pilhagem, mandou antes arrebanhar mais de oito mil cabeças de gado vacum do município, e tocou para Cruz Alta", assegura Prestes Guimarães. O líder federalista afirma que "houve plano assentado para render Passo Fundo, cidade maragata, pela fome, tirando-lhe todos os recursos".

Quando estudamos esse período vemos que as lideranças republicanas de Passo Fundo se revelaram de uma incompetência política a toda prova. O município, na prática, era administrado pelo intendente de Cruz Alta, José Gabriel. Era ele quem dava ordens aos legalistas passo-fundenses. Sirva de exemplo o documento transcrito por Prestes Guimarães, datado de Cruz Alta, 23 de dezembro de 1893, que não chegou às mãos do destinatário, o tenente-coronel Pedro Lopes de Oliveira, porque foi apreendido pelos revolucionários:

"Devemos tirar ao inimigo todos os recursos nas serras onde se ocultam, e por isso quanto antes deveis mandar pôr fogo em todas as serras, sem contemplação para plantações e choradeiras. Nas serras nos vem o dano, assim fogo em todo o mato e quanto antes, pois faltos de

recursos sairão para o campo onde os aniquilaremos. Esta minha ordem não sofre alteração, nem irresolução".

E esses homens são nomes de ruas, praças e escolas. Que belo exemplo para as novas gerações!

5.10 Observação Final

Os federalistas, que se opunham ao governo do Estado (Júlio de Castilhos) e da República (Floriano Peixoto) foram, de início, chamados de vira-bostas. Virabosta ou vira-bostas é o nome comum de um pássaro (*Molothrus Bonariensis*), que anda pelos currais, para alimentar-se de sementes encontradas nos excrementos dos cavalos e outros animais de trato. Esse apelido se deve ao fato de que as forças federalistas eram formadas principalmente pela Cavalaria.

Posteriormente, passaram a ser chamados de maragatos porque alguns dos uruguaios que faziam parte das forças de Gomercindo Saraiva eram originários da cidade de San José, colonizada por imigrantes espanhóis originários da comarca de Maragatería, na província de León. Embora ambos os lados empregassem combatentes platinos, a imprensa governista procurava desmoralizar os revolucionários, dizendo constituir-se de uma tropa invasora formada por estrangeiros.

Os defensores do governo se auto-intitulavam republicanos e eram conhecidos como pica-paus, devido à cor do uniforme, que se parecia com uma das muitas espécies desse pássaro nativo. Angelo Dourado ouviu de um soldado serrano, no dia 26 de junho de 1894, véspera da Batalha do

Pulador, a designação de "pés-chatos", para os militares que defendiam Júlio de Castilhos, possivelmente pelo tipo de calçado que usavam.

6 O Combate dos Três Passos

Depois que a Brigada de Santos Filho deixou Passo Fundo, nos primeiros dias de fevereiro de 1894, o município viveu um breve período de tranqüilidade até que, a 5 de abril, a Divisão do Norte, comandada pelo general Rodrigues Lima, cruzou a cidade, retornando de Santa Catarina.

Antonio Ferreira Prestes Guimarães, que estava exilado na Argentina, retornara ao Brasil com o objetivo de assumir pessoalmente o comando das forças libertadoras que atuavam isoladamente ao norte do Rio Grande do Sul. Os principais grupos armados concentravam-se nos municípios de Passo Fundo, Soledade e Palmeira das Missões.

Prestes Guimarães, que reentrara no Brasil a 14 de fevereiro, não podendo seguir diretamente para Passo Fundo, sua principal base política, dirigiu-se para Santo Ângelo, onde chegou a 12 ou 13 de março. A cidade missioneira havia sido ocupada por uma coluna de maragatos palmeirenses comandada pelo coronel Ubaldino Machado, que tinha conseguido retornar do Paraná.

Aureolado pela fama adquirida como comandante militar na Campanha, durante a primeira fase da Revolução Federalista, "o major do Passo Fundo", como era pejorativamente tratado pelos adversários, foi recebido com honras militares pelos maragatos palmeirenses, conforme ele mesmo o confessa, apesar de seu estilo contido:

"O Cel. Ubaldino Machado formou em revista sua brilhante brigada, diante da qual comparecendo Prestes Guimarães pronunciou uma alocução patriótica, finda a qual ressoaram vivas estrepitosas à causa da liberdade, e seus chefes. Prestes Guimarães foi aclamado, ao findar a revista, comandante em chefe das forças revolucionárias serranas".

Prestes Guimarães estava elevado ao posto de general revolucionário e surgia um novo exército maragato, o Exército Libertador Serrano, que já sustentava sozinho a causa federalista em território gaúcho. A presença de Prestes Guimarães ao norte do estado e a unificação das forças revolucionárias sob seu comando dariam novo ímpeto à revolução, que já transferira seu epicentro para essa parte do território sul-riograndense.

O novo general maragato dirigiu-se para Passo Fundo, onde chegou a 3 de abril, às 21 horas, acompanhado de apenas quatro companheiros. A cidade estava ocupada pelo coronel Verissimo Ignacio da Veiga, à frente de uma guarnição de 100 praças. Os outros oficiais revolucionários haviam dispensado seus comandados para cuidarem de suas famílias.

Como a Divisão do Norte se aproximava e era impossível oferecer qualquer resistência, Prestes e Verissimo, retiraram-se pelo Ocidente (possivelmente a antiga estrada de Nonoai, que iniciava na atual Rua Teixeira Soares, visto que a praça Tamandaré era um ponto de concentração dos revolucionários), seguindo para o sul, pela estrada de Soledade.

Era o dia 5 de abril. Prestes Guimarães denuncia que a Divisão do Norte cometeu muitas atrocidades no município e que sua passagem pela cidade foi lenta, "conduzindo milhares de cabeças de animais vacuns e cavalares, éguas com crias, etc., tocados desde os campos da Vacaria para enriquecer Cruz Alta e Missões".

Prestes Guimarães tratou, imediatamente, de reunir e organizar as forças de Passo Fundo e Soledade, convocando os caudilhos maragatos.

Quando, a 7 ou 8 de abril, o general passo-fundense se encontrava no Tope (hoje pertencente a Marau) recebeu um reforço de cinquenta e tantos homens, regularmente armados, sob o comando dos tenentes-coronéis Luciano Decuzati, um italiano, e Fidêncio Guedes Ribeiro, que já havia lutado no Umbu (16 de janeiro de 1894).

Boa parte desses combatentes era formada por imigrantes italianos ou seus descendentes, que vinham da colônia de Alfredo Chaves (hoje Veranópolis). A colônia havia sido atacada por tropas da Divisão do Norte, que incendiaram mais de vinte residências, entre elas o "palacete" de Luciano Decuzati, que não se encontrava na colônia. A família precisou sair a toda pressa para que não perecesse carbonizada. As paredes do "palacete" foram derrubadas a tiro de canhão, enquanto a banda da Divisão do Norte executava músicas marciais.

Ao chamado do comandante recém-chegado, acorreram os federalistas, concentrando forças na localidade de Campo Bonito, interior de Soledade. O capitão Lourenço Máximo de Barros foi incumbido de fabricar centenas de lanças na sede daquele município, montando quatro corpos de cavalaria sob o comando dos experientes guerrilheiros Elisário Ferreira Prestes, Verissimo Ignacio da Veiga, José Borges Vieira e Pedro

Bueno, e uma brigada soledadense comandada pelo coronel Chico dos Santos, como era conhecido Francisco dos Santos Teixeira Vaz, avô do médico César José dos Santos, ex-prefeito e um dos principais responsáveis pela criação da Universidade de Passo Fundo.

Enquanto Prestes Guimarães concentrava as forças revolucionárias no Campo Bonito, a Divisão do Norte, passando por Nonoai, seguia para o atual oeste de Santa Catarina e Paraná. A brigada de Firmino de Paula Filho (que receberia o título de general honorário do Exército Brasileiro) de 8 para 9 de abril, na localidade de Boi Preto, fazendo prisioneira uma tropa revolucionária, foram os presos, em sua quase totalidade, degolados "em lotes de 10 a 20", no que passou para a história como a "Degola do Boi Preto", um dos muitos episódios vergonhosos da Revolução Federalista.

A Brigada de Santos Filho, que deixara Passo Fundo no dia 25 de fevereiro de 1894, também participou da Expedição ao Paraná, reentrando no Rio Grande do Sul a 22 de maio, pelo passo do Goi-en, reforçando a Divisão do Norte. A primeiro de junho, a uma légua e meia de Pontão, na direção de Passo Fundo, começaram tiroteios entre piquetes legalistas e avançadas maragatas. No dia seguinte receberam informações de que Prestes Guimarães encontrava-se, comandando 1.200 homens, entre Passo Fundo e Soledade, à espera de Gomercindo Saraiva.

A 3 de junho a marcha continuou, sem que fosse mantido contato com piquetes revolucionários. A Divisão do Norte acampou à vista de Passo Fundo. Antes, ao passar pela coxilha dos Valinhos, Santos Filho pediu licença ao general Rodrigues Lima e os soldados fizeram "continência ao campo, que estava ainda lastreado de ossamentas". No dia seguinte, o acampamento foi mudado para a saída da cidade, na direção de soledade, onde esperavam aparecer as forças de Gomercindo

Saraiva. À tarde desse mesmo dia houve combate com um piquete federalista, que deixou três prisioneiros "– um de alguma importância". Nesse mesmo dia foi feito prisioneiro "o famigerado padre Ramos". Esse padre, em represália pela derrota dos Três Passos, seria degolado, no Jacuizinho, entre Carazinho e Santa Bárbara, poucos dias depois, quando era conduzido preso à Cruz Alta.

Às 4 horas da madrugada do dia 6 de junho, o exército castilhistas montou a cavalo. Passara a noite sem armar barracas nem fazer fogo. Foi uma das maiores geadas daquele inverno. Homens caminhando a pé caíam com facilidade e os animais também escorregavam no gelo. De onde os legalistas estavam acampados podiam ver as fogueiras armadas pelos maragatos, do outro lado do Jacuí.

Prestes Guimarães estima que a Divisão do Norte, reforçada pela Brigada de Santos Filho, até as 11 horas, quando começou o combate havia percorrido mais de 20 quilômetros, marchando sem descanso. Distância aproximada dos cálculos legalistas: entre três e quatro léguas.

Como se vê, comparando os relatos de maragatos e pica-paus, estes foram atraídos até o local escolhido para o combate pelos adversários. Para tanto, estes sustentaram tiroteios, durante seis dias com os republicanos, numa autêntica guerra de desgaste.

Nos primeiros dia do mês de junho as forças federalistas, totalizando 1.500 homens, na quase totalidade lanceiros, deixaram Campo Bonito, rumando para Passo Fundo.

Na noite de 5 para 6 de junho as forças sob o comando direto de Prestes Guimarães estavam dispostas na estrada de Soledade a Passo Fundo, próximo às localidades de Tope e Três Passos. Elisário Prestes Guimarães, à vanguarda, com uma força de 400 homens, entre os quais se encontravam os comandados de Pedro Bueno e os ítalo-brasileiros de Veranópolis, dominava o passo do Rio Jacuí, a 18 quilômetros de passo Fundo. Na retaguarda, a cerca de seis quilômetros, estavam os outros 1.400 combatentes, na sede da fazenda de Ismael de Quadros.

Um fato, no mínimo curioso, aconteceu no dia 5. Um grupo de mulheres, conduzindo a bandeira do "Monge João Maria" esteve no acampamento do Exército Libertador Serrano levando apoio espiritual aos revolucionários, de cuja causa o "monge" era simpatizante. Um sargento de nome Firmo, residente em Triunfo, se negou a beijar a bandeira alegando que se o fizesse poderia ter os dentes quebrados. No dia seguinte, foi ferido tendo a boca e os dentes esfaqueados.

Fatos como esse serviram para aumentar a crença dos caboclos nos poderes miraculosos do monge, que seria morto durante a Guerra do Contestado.

Devotos do Monge João Maria ou São João Maria, como ficou conhecido, podem ser encontrados até hoje.

Um grupo desses seguidores foi massacrado pela Brigada Militar, em 1937, numa ação que passou para a História com o nome de Massacre dos Monges Barbudos. A força pública estadual, na oportunidade, cometeu os mesmos crimes praticados durante a Revolução Federalista: espancamentos, fuzilamentos, degolas e estupros.

Antes de clarear o dia 6 de junho de 1894, a Divisão do Norte, sob o comando direto do general Rodrigues Lima, reforçada pelas brigadas de Joaquim Thomaz dos Santos Filho e Salvador Pinheiro Machado, aproximou-se do Passo do Jacuí. Chegou ostentando seu poder de fogo, empregando a artilharia, que despejava petardos sobre o leito do rio.

Elisário Prestes Guimarães simulou uma retirada, ante o ataque conjugado da infantaria, da artilharia e da cavalaria de Rodrigues Lima. Prestes Guimarães também fez recuar seus homens da sede da fazenda de Ismael de Quadros. O general Rodrigues Lima acreditou que os maragatos estivessem fugindo e mandou perseguir a marche-marche.

A vanguarda legalista era formada pela 3ª brigada, comandada pelo coronel Caminha e o 3º batalhão, comandado pelo capitão Perciliano Nunes de Abreu. Os primeiros marchavam e os segundos davam proteção. O 3º batalhão, em vez de avançar unido, avançava em linha. À frente dessas forças estava Rodrigues Lima, em pessoa.

Quando a 3ª brigada surgiu no alto da coxilha, os maragatos, que haviam formado três esquadrões de cavalaria, cada um com aproximadamente trezentos homens, caíram "em terrível carga" sobre toda a vanguarda legalista, que foi completamente envolvida. Para defender-se o 30º tentou unir-se, mas não conseguiu. A 32ª brigada, quase toda de cavalaria, comandada pelo temível Firminho de Paula Filho, o chefe da Degola do Boi Preto, "não teve grande prejuízo", pois fugiu a toda pressa. "O pessoal do 30º, porém foi quase todo extinto, perdendo três oficiais, 65 praças, armamento, estandarte, etc.", conta Pedro Carvalho.

O coronel Joaquim Thomaz dos Santos Filho, que estava com seus comandados atrás da 1ª brigada, da qual o 30º fazia parte, sem

esperar por ordens superiores, mandou seus comandados avançarem, procurando ultrapassar o último dos três arroios, que formam os Três Passos. Fê-lo com extrema dificuldade, pois a cavalaria republicana, em recuo desesperado, carregava para trás a infantaria.

Assim que chegou à linha de frente, quase que Santos Filho foi morto por um "índio" que o reconheceu e fez fogo sobre ele. A bala cruzou perto do coronel legalista e atravessou os arreios da montaria do major Pedro Carvalho. Essa brigada avançou, primeiro em linha unida e depois em quadrado, fazendo retroceder o Exército Libertador Serrano.

Contam os pica-paus que enquanto uns maragatos lutavam, outros saqueavam os adversários que caíam e que, diante da formação em quadrado organizada pelo coronel Santos Filho, a cavalaria rebelde começou a recuar sob fogo da artilharia, que causava mortos e feridos, deixando o campo em poder dos legalistas.

Este detalhe é extremamente importante, pois desmente a afirmativa de que a formação de quadrados de infantaria somente seria usada no dia 27 seguinte, durante a Batalha do Pulador. O quadrado também tinha sido empregado a 27 de fevereiro, durante o combate dos Valinhos, em que a Brigada Santos Filho, reforçada por combatentes de Passo Fundo e Cruz Alta, derrotou um esquadrão de lenceiros maragatos. Em ambos os combates, diante da formação em quadrado, os revolucionários debandaram. Isso comprova que os federalistas conheciam a capacidade de resistência dessa tática ou pelo menos tinham conhecimento disso.

Prestes Guimarães conta que os republicanos formaram um quadrado, junto ao Passo do Jacuí, mas não se animaram a vadeá-lo e ali

se refugiavam os fugitivos. Apresenta os seus soldados como vencedores, registrando 30 baixas, sendo 13 mortos, entre os quais o tenente-coronel José Soelo, do Campo do Meio, e Manoel Batista, de Soledade. Entre os 17 feridos lista os tenentes-coronéis Luciano Decuzati e Fidêncio Guedes Ribeiro e os majores João Carpes e João Schuvaitzer, além de outros oficiais. Dos 13 mortos, "só seis eram simples praças". Estima em 150 o número de adversários mortos e ignora a quantidade de feridos. "Não houve prisioneiros", afirma, o que é sempre um eufemismo para afirmar que prisioneiros ou feridos foram degolados.

O general passo-fundense contabiliza 140 combains, cerca de quatro mil tiros das patronas dos soldados mortos (aqueles que eram saqueados), o estandarte do 31, duas bandeiras, seis cargueiros de munição, revólveres, algumas espadas e seis cornetas, como butim que ficou em mãos de sua tropa.

Prestes Guimarães conta que no dia seguinte, 7 de junho, a Divisão do Norte atravessou apressadamente o Passo do Jacuí, e, deixando a estrada da direita, seguiu pela da esquerda em direção à Cruz Alta. Isto comprova o relato republicano de que teriam recebido informações de que Gomercindo se aproximava de Passo Fundo.

Em Campo Bonito, interior de Soledade, onde acampava, o comandante do Exército Libertador Serrano tinha recebido informações de que era iminente o retorno de Gomercindo Saraiva. O informante era o então major Leonel Maria da Rocha, que seria um dos líderes da Revolução de 1923, que fora em comissão ao Paraná. Com o caminho livre, os federalistas marcharam para a antiga fazenda de Joaquim Fagundes dos Reis, hoje Fazenda da Brigada, nas proximidades do Aeroporto Lauro Körtz, onde, no dia 24 daquele gélido mês de junho, se encontraram com os revolucionários que retornavam do Paraná.

Os republicanos contabilizaram entre 90 e 100 mortos entre os seus combatentes. Salientam entre os adversários mortos, cujo número não apuraram, o tenente-coronel Manoel Batista, que foi deixado no campo de batalha. Tiveram, também, salvação quase milagrosa como a do próprio general Rodrigues Lima, perseguido por um lanceiro, que teve de abater o cavalo do perseguidor a tiro de revólver. O coronel Caminha foi outro que se salvou por milagre. Contam que o capitão Perciliano, que comandava o 30º, quando a Brigada Santos Filho preparava-se para a resistência respondeu: "Não tenho mais nenhum soldado".

Os revolucionários, em retirada, mais uma vez usaram a tática de atear fogo ao campo para atrapalhar a visão dos artilheiros e prejudicar a pontaria dos perseguidores. Os pica-paus feridos eram despojados das calças, armas e dinheiro e degolados, incontinente. Contase o caso de um furriel que foi encontrado vivo, dentro de um valo, sob os cadáveres de dois soldados degolados.

Depois do combate os republicanos acamparam, cuidando dos feridos e dando sepultura aos mortos, no local onde hoje é conhecido como Cemitério dos Três Passos. Ali permaneceram até o dia seguinte. Vendo os inimigos, bem montados, em retirada, resolveram recuar. Para isso contribuíram informações recebidas de que Gomercindo Saraiva se aproximava de Lagoa Vermelha. A pressa com que a Divisão do Norte recuou é documentada pelo médico Angelo Dourado em *Voluntários do Martírio* (p. 254), narrando a passagem pelo Cemitério dos Três Passos:

"Os mortos que eles sepultaram às pressas estavam todos expostos. Contamos oitenta e tantos, na beira da estrada. Um desses infelizes fora sepultado vivo, porque depois vencendo a grossa camada que o cobria, morrera agarrando-se às raízes próximas sem conseguir

arrancar-se da vala. Dizem que eles, os da legalidade, matam os estropiados que se negam à marcha, e os feridos. Nunca dei crédito a tanta desumanidade, mas este cadáver, cuja posição verificaram, deixou-nos o espírito muito inclinado a crer ser verdade o que se diz".

Como teriam inimigos pela frente e pela retaguarda, os republicanos resolveram recuar, "procurando melhor posição entre Passo Fundo e Carazinho". E foi o que fizeram. Toda a Divisão do Norte acampou na Fazenda dos Mellos e ali esperou o Exército Libertador, de Gomercindo Saraiva, que seria reforçado pelo Exército Libertador Serrano, de Prestes Guimarães, para a Batalha Campal do Pulador, travada no dia 27 de junho de 1894.

7 Batalha do Pulador

Todos os historiadores concordam que a Batalha do Pulador foi um dos mais sangrentos, se não a mais sangrento encontro armado durante a Revolução Federalista ou Revolução de 1893; concordam, ainda, que ali, praticamente, se decidiu a sorte do movimento armado. Depois do Pulador o que se viu foram as forças federalistas retirando-se em direção da Fronteira, na esperança de que seus camaradas exilados operassem uma nova invasão. Enquanto isso, os republicanos se reorganizavam e atacavam os revolucionários por todos os lados.

Após a morte de Gomercindo Saraiva, em Carovi, interior de Santiago, a 10 de agosto de 1894, pode-se dizer que a Revolução acabou. Restaram focos isolados, quase exclusivamente na Região de Passo Fundo. A posterior aventura de Campo Osório (24 de junho de 1895) não passou de um pós-escrito revolucionário

A história da Revolução Federalista ainda está por ser escrita. No geral, o que existe sobre aquele movimento fratricida, que ensangüentou o Rio Grande do Sul entre os anos de 1893 e 1895, se deve a esforço isolado de alguns historiadores ou a pessoas comprometidas com este ou aquele grupo envolvido naquela verdadeira Guerra Civil, que se estendeu pelos vizinhos estados de Santa Catarina e Paraná. Nem mesmo as repúblicas limítrofes (Uruguai e Argentina) ficaram imunes ao envolvimento com os grupos em confronto.

De ambos os lados houve a participação militar de estrangeiros. Antes que por aqui, em outubro de 1893, passasse o Exército Libertador comandado por Gomercindo Saraiva, "castelhanos", mais precisamente corrientinos, a serviço dos próceres republicanos passofundenses assolaram o Município, matando e saqueando.

7.1 A Passagem do Exército Libertador

Da passagem do Exército Libertador por Passo Fundo existe um documento impressionante, escrito ao correr dos acontecimentos. Trata-se do livro "Voluntários do Martírio", legado pelo médico baiano Angelo Dourado, que, no posto de coronel, prestou serviços de sua especialidade aos federalistas, do Rio Grande ao Paraná. Atendeu, ainda, à população civil.

Alguns estudiosos da revolução chegam a colocar a obra ao lado da "Retirada de Laguna", do Visconde de Taunay, narrando um dos episódios mais marcantes da Guerra contra o Paraguai, e "A Coluna Prestes - Marchas e Combates", de Lourenço Moreira Lima.

No dia 15 de outubro de 1893 o Exército Libertador, seguido de perto pela Divisão do Norte, comandada pelos generais Francisco Rodrigues Lima e José Gomes Pinheiro Machado passou por Passo Fundo rumo a Desterro, atual Florianópolis, onde militares sublevados contra Floriano Peixoto haviam instalado um governo revolucionário.

Angelo Dourado conta que a crueldade na região serrana foi tanta que a simples narração dos fatos causa repugnância. Lembra que, em Cruz Alta, no Rincão do Cadeado, havia cento e oito viúvas de maragatos

degolados, e que no Rincão da Cruz, contavam-se pelos no mes, oitenta e seis vítimas da degola. E que esses números poderiam ser maiores.

O município-mãe de Passo Fundo era governado pelo caudilho José Gabriel da Silva Lima, que dizia jamais ter pensado que a carne humana fosse tão boa para engordar cães e porcos. Os federalistas ou seus simpatizantes eram presos à noite e, depois, pela manhã, retirados em grupos para serem executados.

José Gabriel, como Firmino de Paula e Silva, o Firmininho de Paula, que o sucederia no comando político da região, sempre exerceram influência sobre acontecimentos políticos e militares em Passo Fundo.

O cronista do exército maragato nota que nesta parte do Estado há dois inconvenientes para a guerra à gaúcha. O primeiro deles é a cerração, que dura até o sol alto, prejudicando a visão à grande distância, contribuindo para que grupos inimigos, passem sem ser vistos, ocultando-se na floresta, que é deles bastante conhecida; o segundo é o fogo nos campos, que causa tremenda densidade de fumaça, permitindo que o inimigo, avançando pela retaguarda, ataque as forças adversárias sem ser percebido.

7.2 Gomercindo e a Paisagem Serrana

A paisagem serrana entristecia Gomercindo Saraiva. Homem da Campanha, onde o horizonte longínquo pode ser divisado a olho nu, sentia-se angustiado ao ter de trilhar estradas estreitadas por matas densas e, no campo, com o horizonte apertado pela fumaça.

Outra desvantagem é o solo de aluvião. As chuvas cavam verdadeiros sorvedouros, muitas vezes encobertos pelas macegas, de tal forma que, fora das estradas, nos dorsos das coxilhas, os cavalos correm risco de caírem nesses buracos, o que é altamente prejudicial à rapidez indispensável à operação eficiente dos lanceiros.

Angelo Dourado é fiel em suas descrições, mas o dramaturgo da juventude, reaparece aqui e ali, como quando afirma que nesses sorvedouros podem desaparecer esquadrões inteiros.

Quando chegaram em Carazinho os federalistas sentiram o poder da guerra psicológica movida pelos pica-paus. Toda a população do povoado fugira para os

matos, levando os velhos e as crianças. Apenas uma mulher ficara na povoação, dizendo que preferia ver os maragatos a morrer de frio nas brenhas e que os republicanos é que eram maus, pois prendiam, açoitavam e matavam, enquanto os revolucionários passavam sem nada fazer, sem arrombar uma causa sequer.

O médico do Exército Libertador aconselhou-a que fosse chamar seus vizinhos, pois nada de mal lhes aconteceria. Antes que ele se afastasse do povoado os moradores já começavam a retornar para suas casas. No cemitério do povoado viu uma sepultura recente onde constava como ornamento único o antigo emblema contendo a coroa imperial, último desejo do morto que, consternado com os horrores praticados em nome da República, adoecera, ordenando, pois, que os seus fizessem pintar em seu túmulo as armas imperiais.

Sobre o fato de que Gomercindo não tivesse a menor simpatia pela topografia serrana é significativo o diálogo travado entre o general maragato e o médico de suas forças:

- Quando tu tomares conta disso - disse-lhe o general
- dá todos estes matos aos argentinos, e nos deixes só a Campanha.
- Então - respondeu-lhe o médico - teríamos de dar quase todo o Brasil.
- Como - perguntou-lhe -, o Brasil é todo assim?
- É - respondeu-lhe.
- Diabo, e eu que pensava que isto fosse só neste inferno? Então não temos remédio senão nos tornarmos monteses.

Depois da Batalha do Pulador, no interior de Soledade, entre morros e matas, a antipatia do general fronteiriço pela paisagem serrana somente aumentou. Certa feita, ainda no Botucaraí, enquanto marchavam em meio à floresta, Gomercindo confidenciou com o médico que seu único desejo era sair dali a qualquer preço, pois não podia ver longe e a cavalaria estava impossibilitada de operar em auxílio da infantaria, o que lhe provocava até mesmo afogamento pela falta de ar.

Prestes Guimarães, em conversa com Angelo Dourado, manifestou a intenção de propor a permanência das forças federalistas naquele local porque dispunham de gado para alimento e não tinham inimigos na retaguarda, enquanto aguardassem um novo levante armado na Fronteira.

O baiano duvidou que o general fronteiriço aceitasse o pedido de permanência na região, lembrando a conversa mais recente. A dúvida acabou se concretizando.

7.3 Uma Vala Comum

Quando os federalistas, rumo a Santa Catarina, entraram em Passo Fundo era noite. Angelo Dourado, de imediato, procurou visitar as famílias dos muitos amigos que tinham imigrado e com quem havia estado no estrangeiro e dos quais elas não tinham notícia. No outro dia, bem cedo, deixaram a cidade, indo parar a três léguas (uma légua mede 6.600 metros lineares), em Mato Castelhana. Detalhista, informa que o local tem esse nome porque ali, nas guerras entre portugueses e espanhóis, o exército da Espanha costumava acampar. As forças lusitanas aquartelavam-se mais adiante, no Mato Português. Separava-lhes uma área de campo, o Campo do Meio. Neste último lugar mostraram-lhe um grande fosso, onde os moradores sepultaram cinqüenta e tantos corpos de revolucionários assassinados.

Angelo Dourado deve referir-se a um combate travado no Povinho, local situado na área do Campo do Meio, logo depois do dia 4 de junho de 1893, data esta em que ocorreu o combate do Boqueirão, com arrasadora vitória dos republicanos. Fortalecidos com a retomada da Cidade pelas forças legais, uma tropa de 53 homens, comandada por Antonio Lemes de Oliveira, conhecido como Antonio Alemão, João Bueno e Antonio de Pádua Holanda Cavalcanti, residentes em Lagoa Vermelha, e o tenente-coronel Leoncio Ricco, que era de Passo Fundo, mas tinha se refugiado no antigo distrito de Vacaria, atacou o acampamento rebelde, "porecendo na luta o comandante Frederico Schultz e mais nove federalistas, além de numerosos feridos, 6 prisioneiros e a perda de grande quantidade de arreios, armas, cavalos e alguma munição", informa a historiadora Delma

Rosendo Ghem, acrescentando que a força republicana teve 6 feridos leves.

A mesma historiadora, algumas linhas acima, contabiliza a força maragata estacionada no Campo do Meio em 150 homens, número bastante próximo daquele que consta nas páginas de Angelo Dourado para os "revolucionários assassinados", sepultados pelos moradores numa vala comum. É possível que, após certa resistência, os comandados de Frederico Schultz tenham se rendido e, ao fim, tido o mesmo destino de tantos outros feridos ou prisioneiros de ambos os lados. Nesses casos, os massacres eram costumeiros.

É possível também que essa vala comum seja a mesma localizada há algum tempo pelo pesquisador Ricardo Henriques e onde lhe informaram estarem sepultados os mortos no combate entre a retaguarda do exército de Gomercindo Saraiva, comandada pelo coronel José Serafim de Castilhos, que entrou para a história da revolução com a alcunha de Juca Tigre, e a vanguarda da Divisão do Norte. O mesmo cemitério pode guardar os corpos daqueles que morreram em dois combates distintos.

Angelo Dourado lembra que, no Campo do Meio, o exército farroupilha esteve acampado durante nove meses, numa época em que os prisioneiros eram respeitados e os feridos cuidados. Os trens, naquele ano de 1893, despejavam soldados em todos os lugares, as matanças eram diárias, tanto em combate quanto nas próprias casas. As guerras civis estavam devorando nações e, no caso brasileiro, sob o estímulo do governo republicano.

7.4 Exército Libertador X Divisão do Norte

Os federalistas tinham apreendido correspondência em que Júlio de Castilhos recomendava ao coronel Chachá Pereira, abandonar o quartel de Passo Fundo e se entrincheirar em Mato Castelhana, para reter o avanço do Exército Libertador, permitindo que a Divisão do Norte atacasse os revolucionários pela retaguarda. Dito e feito, com o acompanhamento das autoridades locais, inclusive o juiz de Direito. Chachá Pereira, porém, não confiando no local indicado entrincheirou-se no Mato Português.

Naquela noite de 16 para 17 de outubro, o general Luiz Alves de Oliveira Salgado informou a Gomercindo Saraiva de que a força legalista estava muito bem fortalecida. Uma vez que a força de Rodrigues Lima já estava perto de Mato Castelhana sob as vistas do coronel José Maria Guerreiro Vitória, Gomercindo determinou que o Mato Português, mais para os lados de Lagoa Vermelha, fosse desocupado, enquanto Guerreiro conteria a Divisão do Norte, aguardando local propício para que fosse travada batalha direta.

Angelo Dourado deixando um médico da Cruz Vermelha do Rio de Janeiro, que se incorporara às forças federalistas, marchou com o general Salgado. Para alcançar a vanguarda cavalgou cinco léguas, entre capões de mato e serros, acompanhado de um prisioneiro. Quando chegou ao acampamento do general Luiz Alves de Oliveira Salgado, o coronel Juca Tigre, um pouco adiante, já enfrentava a força de Chachá Pereira. Uma hora depois, foi recebida comunicação de que os republicanos fugiam, sob perseguição, abandonando carretas, armas e até jóias de família. Os maragatos foram acampar junto à picada do Mato Português e, no dia seguinte, à tarde, chegavam a Lagoa Vermelha. À noite foram organizados diversas festividades.

Na tarde do segundo dia de permanência em Lagoa Vermelha puderam ouvir descargas no Mato Português. O general Salgado seguiu para o local, com alguns ajudantes e deixou uma coluna de prontidão. A coluna retornou ao meio dia, conduzindo grande número de feridos. Gomercindo ficou contrariado com a demora da coluna, e com a entrada em combate desnecessariamente. Ao saber, porém, da maneira como os seus comandados haviam se portado no combate feroz, mudou de opinião.

A infantaria comandada pelo major Antonio Nunes Garcia dispersou os republicanos que sobre ela se lançavam em ondas compactas. Um piquete da Divisão do Norte tentou atacar os infantes, esgueirando-se por dentro do mato, mas foi dispersado por uma força de proteção que ali de encontrava.

Um corpo castilista, que pusera em fuga os federalistas e saqueava as bagagens dos fugitivos, correu ao ouvir o toque de carga ordenado por Aparício Saraiva. Alguns morreram, salvando-se equipagem e cavalos dos revolucionários.

Em Lagoa Vermelha o Exército Libertador se dividiu em duas colunas. Gomercindo seguiu por um caminho da direita e Salgado por outro, em direção de Vacaria. Dali os federalistas seguiram para Santa Catarina e Paraná, apenas retornando ao Rio Grande do Sul em meados de junho do ano seguinte.

7.5 O Retorno dos Maragatos

Após uma longa permanência em Santa Catarina e Paraná, onde empreenderam ações bélicas que não cabem num espaço dedicado à Batalha do Pulador, as forças comandadas por Gomercindo Saraiva retornaram ao Rio Grande do Sul. Vieram desfalcadas de muitos dos seus mais valorosos combatentes. Uns tantos morreram nos intensos combates travados longe do solo gaúcho; outros, comandados por Juca Tigre, precisaram seguir rumo ao Oeste do Paraná, emigrando para a República Argentina.

Ao se aproximarem do município de Passo Fundo estavam esfomeados, exaustos e maltrapilhos. Cruzavam serras praticamente intransitáveis. Entrando em solo passo-fundense passaram a receber apoio e conforto dos caingangues que habitavam aquelas florestas. Entre os índios viviam muitos negros, que fugiram dos exércitos republicanos, o que explica o fato de que integrantes daquele povo nativo tenham, nos dias que correm, uma cor mais escura do que o normal entre os de sua etnia.

Os caingangues eram solidários com os maragatos. Angelo Dourado conta que, certa feita, se adiantando aos seus companheiros chegou a uma queimada onde uma índia de uns 14 ou 15 anos terminava de fazer uma cabana de palha enquanto chegava do mato seu marido, de uns 16 ou 17 anos, trazendo pinhões. A mulher fez fogo, assou os pinhões e, através de gestos, convidou o médico para que se alimentasse, ofereceu-lhe uma cuia com os frutos e sentou perto dele, também se servido do alimento, enquanto o índio admirava a mula, os pelegos e os arreios. Depois de alimentados ela encheu um porongo com água, que entregou ao hóspede.

Perto do rio Ligeiro, que limitava Lagoa Vermelha e Passo Fundo, foram alcançados, em plena floresta, por um soldado a serviço do Exército Libertador Serrano, comandado pelo general Prestes Guimarães.

Apresentou-lhes a ordem do dia em que o comandante dava o resultado do combate dos Três Passos (6 de junho de 1894). A notícia de que os revolucionários puseram em fuga a temível Divisão do Norte causou profunda alegria entre os federalistas.

As dificuldades para passar o rio foram muitas, devido ao leito escorregadio. Logo a seguir enfrentaram as barrancas profundas de um afluente e cortaram serras íngremes e perigosas.

7.6 O Exército Libertador Serrano

Perto do Rio do Peixe, começaram a encontrar residências de brancos, inclusive a casa do coronel Verissimo Ignacio da Veiga. Sua mãe estava de luto, pois tivera um filho morto no combate dos Três Passos.

Naquela casa havia gado conduzido e abatido pelos integrantes do Exército Libertador Serrano, para alimentar os recém-chegados. Esse exército surgiu com a unificação, sob o comando do general Antônio Ferreira Prestes Guimarães, dos diversos corpos revolucionários organizados pelos caudilhos serranos. Augusto Amaral recebia a todos com um churrasco. A fome era tanta que atiravam a carne sobre as labaredas e a cinza, e apenas esperavam que o alimento aquecesse para comê-lo. Era o fim de 40 dias em que apenas duas ou três vezes tinham conseguido outro alimento além de pinhão e milho seco. E muitas vezes não tinham nada com que se alimentar.

No dia 22 de junho entraram nos campos de Passo Fundo. Saíram numa canhada que tomou o nome de Guamirim devido ao combate entre a

força castilhista e os maragatos do coronel Veríssimo no dia 20 de novembro de 1893.

Angelo Dourado conta que os revolucionários, tomando as armas dos vencidos, deixaram ao lado de seus cadáveres as lanças e porretes de guamirim usados como armas. Ali, perto dos esqueletos dos vencidos, que branqueavam a céu aberto, ainda estavam as armas primitivas largadas pelos vencedores. O apoio dos índios e o uso de armas e táticas de guerrilha indígena fez com que o caudilho serrano fosse chamado de "bugre Verissimo" pelos republicanos. Mudaram de acampamento no dia seguinte, aguardando a chegada dos retardatários.

Reunidos os chefes federalistas decidiram propor a Gomercindo que Aparício Saraiva recebesse o título de general. Sabedor da proposição, o comandante procurou Angelo Dourado pedindo que não o fizessem.

- É um tributo de gratidão nossa, respondeu-lhe.

- Sim, eu sei, mas é uma exceção que desgostará alguém, e devemos fugir de tudo quanto para nós trazer um desgosto.

Na manhã de 24 de junho levantaram acampamento. O dia era glacial. Os campos estavam brancos de geada. Mas o temor de que fossem alcançados pelas forças comandadas pelo coronel Arthur Oscar era maior. Pela ordem de marcha as bagagens seguiram no flanco direito. A vanguarda coube à brigada de Torquato Severo, seguida pelas infantarias de Aparício Saraiva e Timóteo Paim, e a cavalaria de Augusto Amaral e outros corpos da mesma arma fariam a retaguarda. Assim disposto o

exército, em campo aberto, estavam prontos para enfrentar qualquer adversário. Havia otimismo. Os clarins tocavam marchas guerreiras.

7.7 O Encontro dos Exércitos Maragatos

Nessa mesma tarde as avançadas do exército de Gomercindo Saraiva já conversavam com os piquetes do Exército Libertador Serrano e pouco depois avistaram o acampamento de Prestes Guimarães, com as bandeiras das lanças e os estandartes vermelhos.

O Exército Libertador Serrano estava acampado na fazenda que pertencera a Joaquim Fagundes dos Reis, nas proximidades do Aeroporto Lauro Kurtz, às margens da atual BR-285, perto do Bairro São José. Ali se aquartelara após o combate dos Três Passos.

Prestes Guimarães testemunha que o exército de Gomercindo, apesar de oportunamente auxiliado com recursos, inclusive de alimentos, no centro da Serra do Capoeirê, por uma companhia do corpo do coronel Verissimo Ignacio da Veiga, estava exausto, abatido, quase nu e estropiado. Muita gente cansada ou doente foi deixada em meio à floresta, além de uma metralhadora e quantidade de munição, tudo guardado e posto a salvo por homens de Verissimo com o auxílio de carregadores indígenas, que se mostravam simpáticos à causa revolucionária.

Gomercindo foi direto ao encontro de Prestes Guimarães. Abraçaram-se. Angelo também foi à procura do serrano. Chegou justo a tempo de ouvir o passo-fundense perguntar pelo médico baiano.

- Vem aí, disse Gomercindo.

- Estou aqui, cortou ele.

Abraçaram-se, ainda montados. Cansada, a mula de Angelo não avançava e o cavalo de Prestes Guimarães estava indócil.

Na barraca do comandante serrano reuniam-se muitas pessoas, entre elas o major Leonel Rocha, que se destacaria durante a Revolução de 1923.

No dia seguinte, 25 de junho, os dois exércitos marcharam unidos, acampando perto da Cidade.

Angelo Dourado dirigiu-se à casa da família de Antonio José da Silva Loureiro, que moravam na velha "Casa Barão", ainda existente na esquina da rua Capitão Araújo e Avenida Brasil. O Barão, dono da casa, estava imigrado desde antes que a revolução tivesse começado, sem que dele seus familiares tivessem notícia. Ali, depois de dois meses, tomou café.

A miséria campeava na cidade. Nada havia para ser vendido. Com muita dificuldade conseguiu encontrar um pacote de fósforos. De uma família ganhou alguns biscoitos e queijo.

7.8 A Divisão do Norte, de Novo

Quando estava na cidade chegaram Gomercindo e o coronel Lavrador. Verificavam a informação de que suas avançadas viram um piquete sem poder reconhecê-lo. Eram os republicanos, também, rondando. Nada descobriram.

Na verdade, a 7 de junho, após sepultar às pressas os mortos que tivera no Combate dos Três Passos, ocorrido no dia anterior, a Divisão do Norte, reforçada pela Brigada Santos Filho, foi acampar entre Passo Fundo e Carazinho. Avançadas republicanas haviam notado movimentos para os lados de Lagoa Vermelha, demonstrando a aproximação de Gomercindo. Assim, temendo encontrar inimigos pela frente e pela retaguarda recuaram para um local onde descansassem e escolhessem o melhor terreno para neutralizar o poderio da cavalaria serrana.

Aquartelados entre Passo Fundo e o povoado de Carazinho, puderam cuidar dos feridos e receber reforços, entre estes um piquete sob o comando do coronel Salvador Pinheiro Machado e a 5ª brigada do então coronel Firmino de Paula e Silva, o Fermininho de Paula.

O piquete visto no dia 25 de junho era comandado pelo capitão Salvador Antonio da Silva, responsável pela observação ao redor da Cidade. Ciente de que as forças maragatas ocupavam a cidade de Passo Fundo, comunicou-o ao general Francisco Rodrigues Lima, que movimentou suas forças e acampou, no dia seguinte, à esquerda da Fazenda dos Mellos. Expediu telegramas ao general Francisco Antonio de Moura, e ao presidente do Estado, Júlio de Castilhos:

"Junho 26 - Inimigo tomou posição à tarde nos Vallinhos ficando 500 homens de cavalaria a sua direita. Nossas forças avistam-se. Cumprirei o meu dever, como todos meus companheiros. Inimigo visto

agora: dois mil homens. Viva a República - General Lima". "26 - Saúdo-vos em nome da Divisão do Norte. Amanhã ao alvorecer pretendo desfraldar a bandeira da República e tocar o hino nacional na toca destes caudilhos saqueadores do nosso querido Rio Grande. Morrer ou vencer. Viva a República - General Lima".

7.9 A Caminho do Pulador

Nessa data Angelo Dourado, que se encontrava na cidade, na cada da família de um companheiro federalista, viu o desfile maragato. Eram soldados maltrapilhos, marchando garbosos ao som de uma banda de música. Esse desfile, de início, provocou apreensões e lágrimas. Depois o choro cedeu lugar a expressões de entusiasmo, pois praticamente todas as famílias tinham pelo menos uma pessoa nas forças de Prestes Guimarães.

- São uns heróis, disse a Angelo Dourado uma senhora.

- E revolução que conta com gente dessa natureza ou triunfa ou não se termina senão com a morte do último, respondeu-lhe, despedindo-se para ocupar seu lugar na coluna.

Ao passar pela capela de São Miguel, quase todo o Exército Serrano, com mais de mil homens, foi beijar a imagem, construída por mãos de índios missioneiros.

O médico aproximou-se para saber qual era o padroeiro. Obteve a informação de um soldado serrano:

- Esse santo é nosso companheiro, coronel. Não vê? Tem uma espada e uma balança para pesar os crimes dos pés-chatos. Nós não marchamos para brigar sem antes entrar aqui para ele nos ver.

Acamparam do outro lado do arroio Pinheiro Torto, que depois dos matos do Jaboticabal era conhecido como Lajeado dos Britos.

O dia transcorreu tranqüilo, salvo a tomada de um rebanho de gado, que vinha do lado norte e era conduzido para as forças do general Francisco Rodrigues Lima. Este pretendia atacar Prestes Guimarães só não o fazendo por temer a aproximação do Exército de Gomercindo.

Continuava o medo de que Arthur Oscar já se encontrasse no Mato Castelhana. Gomercindo inquietava-se, receando que uma das forças adversárias somente se aproximasse ao saber que a outra estivesse perto, para efetuar um ataque de frente e pela retaguarda. E não podia atacá-las porque faltavam munições e soldados, ainda em movimento na picada, antes do Arroio Teixeira. Além do mais, quase todo o Exército Libertador Serrano era constituído de lanceiros, cuja cavalaria estava impossibilitada de operar com eficiência no terreno cheio de sangas e banhados, onde se encontravam.

Supersticiosos, os soldados federalistas acreditavam que logo entrariam em combate. Viam como indício iminente de combate o aparecimento de cobras, natural pela grande quantidade de fogueiras, e o relinchar constante dos cavalos, e talvez pela música do batalhão de Jorge Cavalcanti, que treinou durante a tarde. Esse batalhão era constituído quase exclusivamente de negros, como se vê numa fotografia obtida em

Passo Fundo, quando de uma passagem do exército de Gomercindo Saraiva.

A supersticiosidade era tamanha, entre os guerreiros gaúchos, que chegava à ofiomancia, a previsão de acontecimentos pela observação das serpentes. Alguns, prognosticavam até o resultado de uma batalha, conforme a direção que a cobra tomava ao ser vista; outros não permitiam que os répteis peçonhentos fosse mortos, pois consideravam mau agouro.

7.10 Começa a Batalha

Perto da barraca de Prestes Guimarães o médico avistou Gomercindo Saraiva. A plenos pulmões gritava para que o clarim tocasse, o aprontar, depressa. A ordem foi dada pelo próprio Angelo Dourado e, de pronto, os clarins começaram a repercutir o sinal.

- Vamos brigar, os bichos aí vêm -disse Gomercindo -, já um piquete tiroteou com eles.

Voltando-se para o coronel perguntou:

- Que dia é hoje?

- Quarta-feira, respondeu-lhe.

- Mau dia. Não me agradam as quartas-feiras. São aziagas para mim.

- Em compensação estamos a 27, que é data feliz para nós. Jararaca, Serro do Ouro, Itaqui - afirmou lembrando combates vencidos pelos federalistas.

- Bem - disse o general maragato - pode ser que a data compense o dia.

Os ajudantes de Gomercindo chegaram imediatamente. Ordens começaram a ser dadas. Os corpos avançavam para o alto da coxilha.

Naquela manhã do dia 27 de junho todos pressentiam a iminência de uma batalha. Angelo Dourado, que montara a cavalo para dirigir-se à barraca do coronel Brazil, estava no alto da coxilha ao chegar a coluna de Prestes Guimarães. Gomercindo falou para que o general serrano mandasse um corpo atravessar um arroio margeado por um denso mato, que existia à direita. Com isso pretendia privar o adversário de se aproximar por ali, mas, para tanto, seria preciso marchar uma légua para trás, único lugar onde havia condições de passagem. Gomercindo mandou que uma linha de atiradores se posicionasse no lugar onde estavam para impedir que os pica-paus procurassem o referido passo.

Para ocultar o movimento de suas tropas, Gomercindo ordenou uma velha prática das guerras gaúchas: que se colocasse fogo no campo, do lado direito da estrada. A ordem não foi bem entendida e lançaram fogo de ambos os lados. Os revolucionários acabaram envolvidos pela fumaça.

E marcharam com uma alegria nunca vista, como se fossem colegiais correndo para o recreio.

Aparício Saraiva brincava com o próprio cavalo, dando vivas que eram repetidas pela sua infantaria. Torquato Severo, de costume calmo e silencioso, e que por falta de cavalos transformara seus lanceiros em atiradores, passou também dando vivas.

Os músicos de Jorge Cavalcanti desfilavam alegres. A seguir, marchavam os bagageiros e as mulheres, que se colocaram no alto da coxilha. Recuaram, obedecendo a ordens de Angelo Dourado, pois via guardas avançadas dos republicanos correndo em todas as direções.

7.11 A mortandade mmanhece

Logo começaram a chegar os feridos. Não havia medicamentos nem ataduras. O médico recorreu às mulheres, que não lhe alcançaram apenas fazendas (panos que não tinham sido usados, ainda), mas também alguma roupa branca. Orientou para que elas fizessem ataduras. De início, Aparício Saraiva perdeu um cavalo e o major Pietro, seu ajudante de ordens, morreu ao seu lado.

Apesar de tudo, veio a ordem de avançar. Muitos se alegraram pensando que o inimigo fugia. Ilusão pura. Eram apenas atraídos para um lugar onde a artilharia castilhistas pudesse operar melhor. A vanguarda republicana recuou, deixando um major e muitos outros mortos. Quando a retaguarda federalista ainda marchava ouviu-se um tiro de canhão.

A vanguarda republicana era comandada pelo coronel Salvador Pinheiro Machado. Seu irmão, o senador Pinheiro Machado estava em Porto Alegre, de lá retornando dias depois, com duas brigadas de provisórios e uma tropa da Brigada Militar, quando a Divisão do Norte já deixara o solo passo-fundense.

O contato entre as duas forças aconteceu ao alvorecer. E já às 7 horas da manhã, quando o general Francisco Rodrigues Lima se dirigia para o Umbu, a meio do caminho, o comandante da vanguarda legalista comunicou-lhe que o grosso da força inimiga estava em marcha. Muito embora Francisco Rodrigues Lima pareça negá-lo, ao afirmar que ali, na Coxilha do Umbu, pretendia travar combate, o certo é que o lugar do confronto fora adremente preparado. Ao receber a notícia de que toda a coluna inimiga avançava, apenas determinou uma falsa retirada. Confessa que, em chegando ao local esco

Por isso é que ali postou seus comandados para a batalha. Posicionou à direita a 2ª brigada do coronel Joaquim Tomaz dos Santos e Silva Filho, com uma seção de artilharia comandada pelo capitão José Adolfo Pithan; à esquerda a 5ª brigada do coronel Firmininho de Paula, com uma metralhadora, e ao centro a 1ª brigada do major Tupy Caldas, aumentada com um corpo civil da 7ª brigada, comandada pelo major Osório Silveira, dispondo de uma seção de artilharia ao mando do alferes Luiz de Brito. Este Luiz de Brito, que conta nos documentos republicanos, seria o professor passo fundense Eduardo de Brito. Em escalão, à direita, da 2ª brigada, portanto, à extrema direita das forças pica-paus, a pé, por absoluta falta de cavalos, os lanceiros do coronel José Adolfo Pithan.

E tem mais: o local onde formou suas tropas para o combate era protegido por acidentes naturais intransponíveis pelo tipo de exército

adversário. A passagem era vedada, à frente, por banhados e valos e, aos lados, por mata cerrada e valos.

Segundo Angelo Dourado as forças revolucionárias não estavam completas. Aparício Saraiva, contava com apenas 300 homens, de uma brigada de 530. Torquato Severo não tinha mais de 200. Paim 150. O coronel Jesus e os polacos 150. Esses polacos, comandados pelo coronel Antônio Zadizslaw Bodziak, formavam um grupo de voluntários que vinha com os maragatos desde o Paraná.

Eram no máximo 700 atiradores, com poucas munições.

Prestes Guimarães apresentava-se com uns 800 lanceiros, operando num campo adverso para esse tipo de arma.

Ao subir a coxilha que fica adiante do Umbu a infantaria de Antonio Nunes Garcia avistou uma pequena coluna. O jovem federalista perguntou a Gomerindo que chegava naquele justo instante sobre a conveniência de fazer fogo. Recebeu ordem positiva, mas que poupasse munição. Foram disparados cinco tiros de cada Manlicher. Quando passou a fumaça dos disparos os pica-paus tinham desaparecido, mas deixaram tantos mortos que Pedro Amaral, comandando uma avançada mudou a direção, pensando que era um grupo deitado na macega. Logo depois surgiu a Divisão do Norte, marchando em três quadrados de mil homens cada um.

Os maragatos se dispuseram com Torquato Severo à direita, Aparício e Augusto Amaral ao centro, Paim à esquerda. Eram flanqueados à direita pela cavalaria serrana, ao comando de Prestes

Guimarães, que procurava lugar e ordem para carregar. Parte dessa cavalaria ficou protegendo de um eventual ataque pelos matos.

Como a infantaria republicana estava sem cavalaria, conservando-se o tempo todo em quadrado, sofreu perdas enormes. Por três horas seguidas a fuzilaria da infantaria maragata provocou claros visíveis nos quadrados adversários que eram prontamente fechados.

Durante esse tempo os feridos atendidos por Angelo Dourado foram poucos e de pequena gravidade. Mesmo ali, numa canhada, junto à carreta de munições, onde funcionava o hospital de campanha, as balas caíam em grande quantidade. O médico mandou que as mulheres e as pessoas sem utilidade se retirassem dali.

7.12 O corpo-a-corpo

Como a luta continuava indefinida e aumentava o temor de que a força comandada por Arthur Oscar chegasse logo, pois acreditavam que se encontrasse a pouco mais de 12 quilômetros do Pulador, Gomercindo e Prestes Guimarães combinaram um ataque simultâneo de infantaria e cavalaria. A primeira marcharia sobre os quadrados inimigos, forçando-os a se desdobrarem em linhas de combate e os cavalarianos caíam sobre elas, provocando um desbarato imediato. Ousado e desesperado, o plano de ataque provocou grande alegria entre os comandados de Torquato Severo.

Prestes Guimarães ordenou carga. A cavalaria serrana marchou resoluta, mas um valo profundo impediu o avanço. Atrapalhados pela fumaça os que conseguiram passar, ao invés de acometerem sobre os

pica-paus, deram de frente com um mato cerrado que protegia a retaguarda castilhistas.

Gomercindo mandou que o corpo de infantaria comandado por Antonio Nunes Garcia carregasse sobre os quadrados. Apesar do toque de chefe e sentido, conservou-se deitada. Antonio Nunes foi curto e grosso:

- Não ouviram toque de sentido? Levantem-se e vamos atacar.

A frase teve uma força mobilizadora incrível. Os infantas marcharam calmos e metódicos contra os quadrados. Dali saía um fogo intenso provocado pelos fuzis e metralhadoras e os soldados federalistas caminhavam com a firmeza das ondas marinhas que se despedaçam contra os rochedos. Alguns feridos chegaram ao hospital de campanha, entre eles Antonio Nunes com a garganta atravessada por uma bala. Medicado voltou ao comando. Sem voz, comandava por gestos. Álvaro da Silveira Martins, filho de Gaspar da Silveira Martins, o comandante supremo da Revolução Federalista, veio ferido no pé. O capitão Mello de Rezende, foi levado para o hospital mortalmente ferido.

Um valo existente na frente dos quadrados impedia o contato dos atacantes. À esquerda, porém, isso era possível e por ali avançou a 3ª brigada, comandada pelo coronel Timóteo Paim. O quadrado inimigo que estava naquele setor, em desdobramento, lançou-se sobre os atacantes, que empregaram faca e coice de armas e os defensores sabres e baionetas, na luta corpo a corpo. Os republicanos estavam levando vantagem e poderiam envolver as foças de Aparício e Torquato Severo, se Gomercindo Saraiva, que ali chegou com seu estado maior não tivesse mandado tocar carga e avançado sobre os adversários, que recuaram e, de novo, se formaram em quadrado. Foi nessa carga que morreram o

coronel Pereira Pinto e os majores Jacinto Lacerda e Felipe Pinto. Santos Filho assim descreve essa parte do combate:

Depois de vivíssimo fogo de fuzilaria por numerosa infantaria armada a Mauser e Comblain, fuzilaria que foi galhardamente correspondia por nossas linhas de atiradores, veio tremenda carga à toda linha, a infantaria lançou-se sobre o centro, e flancos as cavalarias; repelida a carga com valor inexcedível, as nossas infantarias avançaram com entusiasmo fazendo o mais vivo e mortífero fogo sobre o inimigo em retirada, deixando as coxilhas alastradas de cadáveres. Nossa cavalaria não tivesse a pé, o inimigo teria sido exterminado. Em vista do fogo terrível que sofremos por tantas horas e da superioridade de parte do armamento inimigo sobre o nosso, as nossas baixas são muito poucas e seriam insignificantes se não contássemos entre elas oficiais de grande merecimento, intemeratos defensores da República!

A cavalaria maragata bateu em retirada desordenada. A carreta com os feridos, ante o recuo dos cavalarianos também se movimentou. O médico mandou carregar na carreta os feridos que não podiam marchar a cavalo.

A cavalaria continuou a debandada. Todas as tentativas de impedir esse recuo se revelaram infrutíferas, pela ação da artilharia pica-pau. As granadas dos canhões, caindo aleatoriamente, talvez devido à fumaça que se espalhava pelos ares, mais do que danos reais causavam confusão entre os cavalarianos.

Uma bala entrou por uma costela de Aparício Saraiva e foi se colocar nas costas. Após receber um curativo retornou ao campo da luta.

A 1ª brigada, comanda por Aparício Saraiva, avançando pelo centro, e a 2ª, de Torquato Severo, atacando pela direita, chegaram à distância de 30 metros do quadrado inimigo, operando nessas posições até por volta das 16 horas.

Esse ataque é testemunhado pelo major paranaense Vicente Ferreira de Castro nos seguintes termos:

É triste dizer-se, porém, a verdade eu quero nua e crua. O inimigo, feito (posto) como estava, era preciso força suficiente e tática de guerra para vencê-lo. No entanto, fazer avançar o exército inteiro, não deixando proteção da infantaria!! Que cousa bárbara!! Ouso afirmar que essa avançada, que pretendiam fazer os generais até os quadrados inimigos, era como que pensando (eles): "estes são paranaenses e se morrerem não nos fazem falta".

Deitados, os infantes revolucionários atiravam em cheio sobre os quadrados republicanos, produzindo ver dadeira mortandade nas forças oficiais.

Diante da situação indefinida do combate foi decidida a retirada em ordem, o que se tornava difícil devido à maneira desordenada com que a cavalaria recuava.

Talvez a determinação com que a cavalaria do Exército Libertador Serrano recuou contribuiu para que Gomercindo Saraiva adquirisse antipatia pelos cavalarianos serranos. Tanto isso é verdade que o major Vicente Ferreira de Castro deixou documentada a última ordem dada, in extremis, por Gomercindo a seu irmão Aparício: "Saque los blancos y

vayase no mas". Gomercindo e Aparício pertenciam, no Uruguai, ao Partido Blanco. Como distintivo partidário usavam fitas brancas nos chapéus. Seus adversários, do Partido Colorado, usavam faixas vermelhas. Os soldados do Exército Libertador Serrano usavam distintivos vermelhos, o que, também, não deveria agradar os irmãos Saraiva.

Daí, nada mais fantasioso do que caracterizar Gomercindo, Aparício e seus comandados usando vistosos lenços colorados...

Para o recuo maragato contribuíram diversos fatores, o maior deles o temor de que fossem atacados pela retaguarda com a chegada das forças comandadas por Arthur Oscar. Depois, a impossibilidade da cavalaria serrana empregar uma carga de lança seca em combinação com um ataque da infantaria. Essa medida foi tentada sem êxito o que contribuiu para que os lanceiros abandonassem o campo da luta. Não podem ser ignoradas a supersticiodade e a preocupação de Gomercindo com o ferimento recebido por seu irmão mais novo, ambos companheiros de montoneras e patriadas desde a adolescência. A indefinição da batalha após seis horas de enfrentamento intenso também deve ser levada em conta.

Concentradas as forças revolucionárias no Pinheiro Torto, local onde passaram a noite que antecedeu a Batalha do Pulador, uma conferência entre os comandantes do 1º Exército Libertador, Gomercindo Saraiva, e do Exército Libertador Serrano, Prestes Guimarães, decidiu que o corpo de lanceiros sob o comando do coronel Verissimo Ignácio da Veiga, que permaneceu na frente do campo de batalha, ali continuaria para contar e dar sepultura aos federalistas mortos. Não avistando fogueiras, que sinalizassem a presença próxima da Divisão do Norte, o "bugre Verissimo" concluiu pelo afastamento dos legalistas.

De fato, voltaram à sede da fazenda dos Mellos, onde instalaram um hospital de sangue e despacharam os feridos na direção de Cruz Alta. Muitos deles morreram em caminho e foram sepultados ao longo da estrada. Outros, seriam 800, segundo testemunha, foram levados para Porto Alegre. Entre os lastimados estavam alguns dos principais comandantes pica-paus, como o próprio general Rodrigues Lima e o coronel Firmininho de Paula.

Depois de contar os mortos e dar-lhes sepultura, os lanceiros do coronel Verissimo da Veiga, ainda permaneceram em torno de Passo Fundo. Acamparam onde hoje está localizado o Bairro Petrópolis, observando a Cidade, no sentido de proteger os retardatários chegados do Paraná, pois a Brigada Santos Filho aqui permaneceu até dia 1º de agosto, quando demandou na direção de Cruz Alta. Então, com segurança, o coronel maragato pode mandar conduzir da Serra para o campo a metralhadora, os cargueiros de munição e os últimos comandados de Gomercindo, muitos dos quais doentes, que tinham ficado internados na floresta, sob a proteção dos federalistas serranos. Em Campo Comprido, no interior de Soledade, Verissimo e seus soldados entregaram a Gomercindo Saraiva tudo o que, em homens e materiais, tinha ficado para trás.

Uma vez terminada a batalha mais de 40 feridos esperavam atendimento médico, trabalho que foi até altas horas da noite.

Às três horas da madrugada de 28 de junho de 1894 os feridos foram colocados em carretas, sem coberturas e saíram, sob um frio intenso, cortando os campos cobertos de geada, indo acampar somente na tarde daquele dia, além da estrada do Veado Pardo, pensando que por ali as forças de Arthur Oscar poderiam seguir, tentando cortar o caminho dos exércitos libertadores em retirada.

A caminhada era aterrorizante. Os feridos, amontoados nas carretas que saltavam pelos caminhos bravios, davam gritos dolorosos. Alguns morreram durante a viagem. Os cavalos escorregavam nos arroios e lageados, resvalando nas pedras.

Ao acamparem, à tarde, mais trabalho esperava pelo médico e seus enfermeiros: socorrer os muitos feridos da brigada de Aparício Saraiva.

Retomaram a marcha às três horas da madrugada do dia 29. Ao acamparem, às 23 horas, adiante do local onde ocorrera o combate dos Três Passos, o médico precisou extrair balas e reduzir fraturas entre os lanceiros de Prestes Guimarães. No acampamento do coronel Torquato Severo praticou algumas cirurgias. Aí, a situação era menos grave, pois o capitão Pedro Severo, irmão de Torquato, vinha prestando um excelente atendimento aos feridos como se fosse um enfermeiro de primeira ordem.

Os republicanos, porém, saíram cantando vitória. Sirva de exemplo o telegrama que ficou famoso passado pelo coronel Salvador Pinheiro Machado:

28 - Depois de bom churrasco, passo a narrar os depoimentos de vários prisioneiros que fiz. Um alferes diz - Gomercindo tinha de 50 a 150 cartuchos nas bolsas, não queria combater, instigado por Prestes, que éramos poucos e covardes. Engano manifesto! Nunca assisti combate tão renhido como este! Foram valorosos; porém polacos abriram os dedos e nem foi correria. Foi à pêlo encostado. Tomamos muitas armas Mauser moderna e munição. A maior parte do armamento é Chassepot. Enfim

estão desnorteados e completamente derrotados! Viva a República! - Coronel Salvador".

Ao major Tupy Caldas o presidente Floriano Peixoto enviou o telegrama nestes termos:

"Rio, 27. - Inteirado por vosso telegrama vitória alcançada Divisão Norte contra forças Prestes e Gomercindo, retribuo felicitações e peço louves em meu nome general Lima e seus bravos comandados, que, dia a dia, mais credores se tornam da gratidão da Pátria. Saúdo-vos. - Viva a República. - Floriano".

7.13 Número de Mortos

Um ponto que merece menção especial quando, nos dias de hoje, estudamos a Batalha do Pulador é o número de mortos.

O general legalista Francisco Rodrigues Lima, em sua Ordem do Dia N° 105, datada de 28 de junho de 1894, afirma que suas forças tiveram 58 mortos e 177 feridos, em sua maior parte levemente, e os federalistas deixaram cerca de 300 mortos no campo da ação. Numa parte, do mesmo dia, os dados são diferentes: 60 mortos e 177 feridos, entre os legais, e perdas superiores a mil homens, sendo 297 mortos até então encontrados no campo da ação e suas dependências. Afirma que foram tomados ao inimigo mais de 300 Comblain, 25 Mauser modelo 91, 3 Kropatchek, grande número de lanças e espadas, alguns cavalos encilhados com esmero e mais de 20 a 21 mil cartuchos de Comblain (a maior parte) e de Mauser.

Um dos serigotes continha as iniciais G. S., dando muito o que falar. Alegaram pertencer a Gomercindo Saraiva, o que sempre foi desmentido pelos maragatos... Seria de Gregório Souza, um ajudante de ordens do general...

O comandante máximo dos federalistas, também em Ordem do Dia do 1° Corpo do Exército Libertador, contabiliza, entre os pica-paus, 382 pessoas mortas, inclusive três mulheres, calculando que esse número é maior porque há lugares desconhecidos em que outros mortos foram enterrados, e mais de 450 feridos. Os maragatos tiveram 88 mortos e 150 feridos. Apreenderam 143 armas, em sua maioria Comblain e 9 cunhetes de munição.

Conta Angelo Dourado, em "Voluntários do Martírio" que, quando se encontravam no Tope os federalistas foram alcançados por um mensageiro do coronel Veríssimo Ignacio da Veiga informando que seu comandante calcula em 800 o número de mortos deixados pelo inimigo, não podendo ser calculado ao certo porque muitos cadáveres de ambas as forças estavam misturados. Os mortos entre os maragatos montavam a 214. Estas informações são posteriores à Ordem do Dia assinada pelo general Gomercindo.

Prestes Guimarães afirma que os revolucionários tiveram 88 mortos, contados insepultos no campo, alguns dias depois, e quase 200 feridos; os republicanos algumas centenas de vítimas fatais e cerca de mil feridos, ou mais.

Carlos Reverbel se limita a afirmar que "as baixas, entre mortos e feridos, de ambos os lados foram superiores a 500".

O major Vicente Ferreira de Castro, paranaense que lutou nas forças federalistas, calcula que, entre mortos e feridos, os revolucionários tiveram 200 baixas. Apresenta, ainda outro dado, atribuído a um próprio de Veríssimo Ignacio da Veiga: 88 maragatos e 700 picapaus mortos.

O jornal La Prensa, com data de 30 de junho de 1894, citado por Luiz da Senna Guasina, divulga a informação de que os revolucionários tiveram 600 mortos e muito mais feridos, enquanto os governistas somaram apenas 200 baixas.

Gomercindo dos Reis fala em mais de mil e cem mortos no campo de batalha.

Como já tornei público em comunicação apresentada durante o Seminário "110 Anos da Batalha de Passo Fundo", realizado nos dias 25, 26 e 27 de julho de 2004" e publicado na revista *Água da Fonte*, n.º 2, da Academia Passo-Fundense de Letras, assim que terminou o combate aconteceu um massacre de aproximadamente duzentos pica-paus que desertaram para os matos do Pulador. Fato narrado por João José da Silva, sobrevivente do espingardeamento, confirmado pelas ossadas e armamentos encontrados naqueles matos em anos posteriores e pela história oral. O fato de os federalistas terem recolhido apenas um único modelo de arma (143 Comblain) é indício de que um mesmo corpo de soldados adversários pica-paus tenha sido dizimado.

Essa deserção teria ocorrido após circular, entre os republicanos, a notícia de que sua retaguarda estaria sendo atacada por um piquete adversário. Algo ocorreu que não ficou documentado, deixando a impressão de que maragatos e pica-paus "correram" uns dos outros.

Uma vez no interior dos matos, os soldados fronteiriços, que não conheciam a densidade das florestas serranas, julgaram-se protegidos. Começaram a subir nas árvores, convictos de que não poderiam ser descobertos por possíveis perseguidores. Ledo engano! Logo apareceu um piquete de maragatos, possivelmente, os serranos do "bugre Veríssimo". Acostumados às caçadas nas selvas foram localizando os péssimos empoleirados nas árvores. Identificados pela farda cáqui - "verde" na linguagem dos birivas - ouvia-se a exclamação zombeteira:

- Olha ali um periquinho!

E imediatamente era ouvido um tiro seguido pelo baque surdo de um corpo chocando-se contra o chão.

João José da Silva contava aos filhos, netos e genros que subiu numa das muitas árvores encipoeiradas ali existentes, junto com outro pica-pau. Chegaram os perseguidores. Observaram haver sinal de que alguma coisa subira na árvore. Dialogaram entre si. Ofereceram "garantias de vida" para quem descesse, caso tivesse alguém em meio aos cipós. O alferes fez um gesto silencioso no sentido de que seu companheiro ficasse calado. Este resolveu descer e, de imediato, foi degolado. A caçada continuou. Já estava escuro quando os perseguidores retornaram na direção do local da batalha. O sobrevivente passou a noite gélida, no alto da árvore. Ao clarear o dia seguinte desceu, seguindo no rumo do Faxinal, encontrando cadáveres de republicanos por uma longa distância.

Embora eu não tenha encontrado registros desse massacre, a tradição oral conserva essa história, que também ouvi de outras fontes.

A ocultação do massacre se deve a dois motivos óbvios: foi humilhante para a Divisão do Norte, sendo omitida pela história oficial escrita pelos herdeiros do castilhismo, e vergonhosa para os federalistas que, contrariando os mais rudimentares princípios de qualquer luta, praticaram um verdadeiro ato de genocídio.

Ao fim, como se vê pela maioria dos dados disponíveis, no geral concordam em 800 vítimas fatais, com variação de 200 e 600, de um lado para outro, que ficaram no campo de batalha.

Verissimo Ignacio da Veiga, que ficou no local, que contou os mortos, e cujo esquadrão de lanceiros deve ter perseguido os pica-paus desertores, "calcula o número de cadáveres deixados pelo inimigo em oitocentos, não podendo saber ao certo, porque muitos estavam confundido com os nossos", isto é com os federalistas. Aproximadamente 200, a mais do que os outros informantes, o que corresponde ao número de provisórios caçados nos matos, segundo o testemunho de um sobrevivente e a história oral. Somando-se às "perdas" dos maragatos em retirada, que totalizavam 214, o número real vítimas fatais na Batalha do Pulador é de 1.014.

Já o número superior a mil e cem mortos divulgado pelo pesquisador passo-fundense Gomercindo dos Reis, até pode ser verdadeiro, acrescentando-se os feridos que morreram depois do combate. Há testemunhos de que foram muitos, especialmente entre os republicanos, tanto na obra de Angelo Dourado quanto na imprensa platina, conforme pode ser conferido no diário de Luiz de Senna Guasina.

Outro registro importante guardado pela história oral e ainda hoje repetido por dezenas de pessoas é o fato de que, no dia seguinte, a água do banhado existente no local do combate se encontrasse avermelhada pelo sangue de homens e cavalos mortos. Por ali, numa tentativa desesperada, os cavalarianos de Prestes Guimarães também tentaram passar. Os cavalos atolaram. Uma chuva de balas disparadas pelos quadrados republicanos deve ter provocado muitas perdas. Daí a impressão guardada por tantos quantos ali estiveram na tentativa de identificar parentes e amigos mortos de que "o sangue dava pelas canelas". Era, preservado pelas baixas temperatura, o sangue misturado à água do banhado.

7.14 O Nome da Batalha

Nos últimos tempos tem circulado a tese de que o verdadeiro nome do confronto seria "Batalha de Passo Fundo". Apresentada como estribada em diversos autores, os defensores da tese inovadora afirmam que os termos "Batalha do Pulador" ou "Combate do Pulador" são defendidos por escritores locais.

O assunto é controverso desde o princípio.

Angelo Dourado, em livro escrito com o sabor de diário e, em sua maior parte, ao correr dos acontecimentos, fala em "combate do Passo Fundo"; Pedro Carvalho, oficial e homem de confiança de Santos Filho, em "Batalha do rincão dos Mellos, no Passo Fundo"; Antônio Ferreira Prestes Guimarães, comandante do Exército Libertador Serrano, em "Batalha do Pulador". E é com esse nome que eu li sobre ela a primeira vez na página 1988 da História do Brasil, de Pedro Calmon, (vol. VI, Livraria José Olimpio Editora, 1959). Moacyr Flores, conhecido estudioso da história sul-riograndense, em seu Dicionário de História do Brasil (2ª edição revista e ampliada, EDPUCS, 2001) traz o verbete Combate do Pulador.

Assim, tanto Batalha do Pulador quanto Combate do Pulador são termos consagrados. E não apenas pelos historiadores passo-fundenses, a menos que Moacyr Flores e Pedro Calmon possam ser considerados passofundenses...

Via de regra, os choques entre exércitos recebem o nome do local onde efetivamente acontecem. Nesse aspecto, por incrível que pareça, é o pica-pau Pedro Carvalho, que participou de quase todas as ações

empreendidas pela Brigada Santos Filho no então Município de Passo Fundo, quem melhor define o violento entrevero: "Batalha do rincão dos Mellos, no Passo Fundo". Quem quiser saber onde essa batalha realmente ocorreu tome um bom mapa, com latitudes e longitudes, localize o Rincão dos Mellos e chegará ao local exato da matança. Portanto, seja batalha ou combate, o mais preciso é dizer-se do Rincão dos Mellos ou do Pulador.

Uma outra afirmação que tem sido propalada nos últimos tempos e que não condiz com a realidade é a de que, pela primeira vez numa revolução brasileira, a metralhadora tenha sido empregada na Batalha do Pulador. Sejanos Dornelles em seu livro Gumersindo Saraiva - O Guerrilheiro Pampeano, informa que esse tipo de armamento tinha sido empregado antes pelo menos duas vezes, pelas forças oficiais: na Batalha Campal do Inhanduí (3 de maio de 1893) e na Batalha Campal do Cerro do Ouro (27 de agosto de 1893).

A terceira afirmativa improcedente é a de que, também pela primeira vez numa revolução brasileira, os quadrados de infantaria estreadam naquela batalha. No dia 8 de fevereiro de 1894, no Combate dos Valinhos, aqui mesmo, em Passo Fundo, a Brigada Santos Filho, pôs em disparada a cavalaria maragata ao formar um quadrado de infantaria. E ainda, aqui mesmo, em Passo Fundo, no dia 6 de junho de 1894, no Combate dos Três Passos, o Exército Libertador Serrano não ousou atacar um quadrado de infantaria mandado formar às pressas pelo mesmo coronel Santos Filho.

7.15 A Importância da Batalha

A Revolução Federalista era até pouco tempo um tema proibido. Não oficialmente, por decreto ou lei, mas porque a maioria das famílias, em todo o Estado, e de maneira particular em Passo Fundo, estiveram, de uma forma ou de outra, envolvidas naquela sangrenta conflagração armada.

Angelo Dourado, médico federalista, que acompanhava as tropas de Gomercindo Saraiva, a propósito, deixou um depoimento impressionante, ao contar que todas as famílias passo-fundenses tinham integrantes seus incorporados ao Exército Libertador Serrano, comandado pelo general Prestes Guimarães, neto do cabo Manuel José das Neves, o fundador de Passo Fundo.

Em Passo Fundo, onde as rivalidades políticas, durante o Império, entre liberais e conservadores eram intensas e violentas, essa animosidade exacerbou-se com a República. Os conservadores, sempre minoritários, liderados pelo coronel Gervazio Luccas Annes, cruz-altense que para cá se mudou com o objetivo de liderar seus companheiros de partido, bandearam-se com todas as armas para a nova situação, radicalizando ainda mais os métodos usuais do fazer políticos. Chegaram a importar mercenários corrientinos, que cometeram violências e todo tipo de tropelias contra os antigos liberais.

Dados históricos disponíveis demonstram que, já em 1891, grupos armados sob o comando de Prestes Guimarães, operavam em Passo Fundo. Assim, a Revolução, aqui nascida, acabou mudando seu epicentro para a Fronteira, única e exclusivamente por motivos estratégicos. E Prestes Guimarães, no posto de coronel, foi um dos primeiros e mais

importantes chefes militares federalistas quando o Exército Libertador, sob o comando geral do general Joca Tavares, passou a operar na Campanha.

Quando, enfrentando sérias dificuldades na Fronteira, o Exército Federalista de Gomercindo Saraiva decidiu rumar ao Paraná, em outubro de 1893, para dar apoio aos marinheiros sublevados contra Floriano Peixoto, a Revolução deslocou o seu centro para a Região de Passo Fundo. Aqui foram travados quatro grandes e importantes encontros militares: o combate do Umbu (16/01/1894), o combate dos Valinhos (8/02/1894), o combate dos Três Passos (6/06/1894) e a Batalha do Pulador (27/06/1894). Além disso ocorreram confrontos menores.

A Batalha do Pulador foi o mais importante de todos esses choques armados, pelo número de homens envolvidos diretamente na ação, o poder destruidor do armamento empregado e a quantidade de mortos.

Como já demonstrei em diversos artigos que venho publicando, envolveram-se diretamente na ação 1.600 federalistas e 3.000 republicanos, totalizando 4.600 homens, pelo menos. Foram contados 1.014 mortos no local da batalha, afora um número incalculável de combatentes que morreram em consequência dos ferimentos recebidos em combate. O número de ferido que sobreviveram, também é incalculável.

Embora os documentos legalistas contem vantagem para o seu lado, do ponto de vista estritamente militar, a vitória foi dos revolucionários, que permaneceram no local. Militarmente falando, terminado o combate, que fica ocupando o local é o vencedor. Pode até ter sido uma vitória de Pirro, mas o coronel passo-fundense Verissimo Ignacio da Veiga, e seus

lanceiros, ali pernoitaram, contaram os mortos e deram sepultura aos seus camaradas. Somente depois deixaram o local.

Terminada a batalha o resultado era este: as forças republicanas recuaram na direção de Cruz Alta, à espera de reforços, e as tropas revolucionárias, num movimento de semicírculo saíram pelo município de Soledade, reentrando em Passo Fundo, na localidade de Não-Me-Toque, daí seguindo a toda pressa rumo à Fronteira, onde esperavam apoio dos federalistas exilados.

O desfecho da história todos sabem. Os federalistas, em retirada, acabaram envolvidos por todos os lados, tanto pela Divisão do Norte, quanto por forças da Brigada Militar e provisórios sob o comando do senador e general Pinheiro Machado.

Moral da história: todos os historiadores isentos concordam que a Revolução Federalista foi decidida na Batalha do Pulador. Depois dela o que vimos foi o mais combativo exército revolucionário num recuo alucinado, acossado por todos os lados. A morte de Gomercindo Saraiva, a 10 de agosto de 1894, em Carovi, interior de Santiago, foi o ponto final na História da Revolução Federalista. A tentativa posterior de reacender o movimento, com a tragédia de Campo Osório, foi apenas um pós escrito.

Este Capítulo foi publicado, anteriormente, no Caderno Especial do jornal O Nacional, de Passo Fundo, a 9 de agosto de 2005 e em outro Caderno Especial do Jornal Rotta, também de Passo Fundo, de 01 a 15 de agosto de 2006. Nas edições anteriores, e também nesta, sempre foram efetuadas ligeiras alterações.

8 Combates Menores ou Menos Conhecidos

Como vimos, a Revolução Federalista iniciou em Passo Fundo, em novembro de 1891, com a organização de forças revolucionárias comandadas por Antônio Ferreira Prestes Guimarães, que dominaram a maior parte do Município e os republicanos, sob a liderança do coronel Francisco Marques Xavier, mais conhecido como Coronel Chicuta. Estes promoveram a concentração de civis armados, na então Praça Boa Vista, onde hoje se localiza o Instituto Educacional, no Bairro Boqueirão. O motivo de toda essa mobilização foi o fechamento do Congresso nacional, a 3 de novembro daquele ano, pelo Marechal Deodoro da Fonseca.

Como o objetivo deste trabalho não é historiar a Revolução Federalista em Passo Fundo, listarei combates, alguns deles de pequena envergadura, travados entre forças revolucionárias (maragatos, federalistas ou gasparistas) e legalistas (pica-paus ou castilhistas) no perímetro do então município de Passo Fundo. Como a maioria das forças envolvidas era constituídas de tropas irregulares poucos registros ficaram desses encontros armados. Reservo capítulos especiais para os mais importantes e documentados, quais sejam, pela cronologia em que ocorreram: Combate do Boqueirão (4 de junho de 1893), Combate do Arroio Teixeira, também conhecido como Combate do Guamirim (20 de novembro de 1893), Combates do Passo do Cruz (20 de dezembro de 1893), Combate do Umbu (16 de janeiro de 1894), Combate dos Valinhos (8 de fevereiro de 1894), Combate dos Três Passos (6 de junho de 1894) e Batalha do Pulador (27 de junho de 1894).

Como os leitores poderão verificar, discordando de todos aqueles que, antes de mim, escreveram sobre fatos da Revolução Federalista em Passo Fundo, entendo que não se pode falar em Combate do Passo do Cruz, mas em dois combates distintos no mesmo dia. Embora os federalistas tivessem a mesma composição militar, enfrentaram duas forças muito diversas entre si, o que caracteriza, no meu entendimento, dois combates distintos, ainda que num só local e numa só data.

8.1 Combate do Tope

Em 28 de maio de 1893 o intendente Gervazio Luccas Annes, acompanhado pelo capitão Eleutherio dos Santos Lima e uma força de 100 homens, abandonou Passo Fundo, em direção a Cruz Alta, acampando às margens do Rio da Várzea, mudando acampamento, mais tarde para o Rincão do Pessegueiro.

Mandou uma força de 25 soldados, comandados pelo capitão Eleutherio acompanhar as tropas vindas de Soledade. Perto do Tope os republicanos encontraram-se com forças comandadas por José Antônio de Souza (Palmeira), Elisário Ferreira Prestes e José Borges Vieira. Travaram tiroteio. Os legalistas recuaram até o Passo da Carreta Quebrada, onde se entrincheiraram, alimentaram-se e se recolheram ao grosso da tropa.

8.2 Combate do Passo dos Britos

No dia 3 de junho de 1893 os capitães Eleutherio dos Santos Lima e Rodolfo de Oliveira saíram com um piquete de reconhecimento. Ao chegarem no Passo dos

Brito, na antiga estrada que ligava Passo Fundo a Soledade, surpreenderam a retaguarda federalista. Prenderam dois revolucionários e grande quantidade de gado vacum e cavalari.

O Passo dos Britos fica no Arroio Pinheiro Torto, que nasce nos banhados entre a Vila Vera Cruz e a Vila Operária. À época da Revolução Federalista era conhecido como Lageado dos Brito, a partir do Jabuticabal.

8.3 Combate do Povinho

Poucos dias depois do Combate do Boqueirão, uma força de 53 homens, chefiados por Antônio Lemos de Oliveira, alcunhado de Antônio Alemão, João Bueno e Antônio de Padua Holanda Cavalcanti, além tenente coronel Leôncio Rico, deslocando-se de Lagoa Vermelha, atacou um piquete de 150 maragatos, acampados no Povinho, atual Município de Mato Castelhana. Eram comandados por Frederico Schultz.

A finalidade desse grupamento revolucionário era obstar a passagem de reforços vindos de Lagoa Vermelha para socorrerem os pica-paus de Passo Fundo, pois os maragatos acreditavam é que dali viria socorro para os comandados do intendente Gervazio Luccas Annes. Tal expectativa se devia ao fato de que diversos líderes republicanos passo fundenses, como os coronéis Lucas José de Araújo, Leoncio Rico e outros castilhistas locais lá estavam abrigados.

Os revolucionários foram surpreendidos pela madrugada, sendo completamente desbaratados. Frederico Schultz e mais nove companheiros teriam morrido em combate. O número de castilhistas feridos foi bastante elevado. Os atacantes obtiveram seis prisioneiros, grande quantidade de cavalos, arreios, armas, e alguma munição. Os pica-paus tiveram apenas seis feridos leves, segundo a historiadora Delma Rosendo Gehn. Com a vitória castilhista no Combate do Boqueirão (4 de junho de 1893) os federalistas passo-fundenses dispersaram-se. Apenas

no Campo do Meio permanecia uma força de 150 homens, comandados por Frederico Schultz.

8.4 Combate do Campo do Meio

As forças de Gomercindo Saraiva entraram em Passo Fundo no dia 13 de outubro de 1893, à noite. Aqui apreenderam documentos segundo os quais o capitão Antônio Chachá Pereira, responsável pela segurança de Passo Fundo, recebera ordem do próprio Júlio de Castilhos para entrincheirar-se no Mato Castelhana, impedindo a passagem dos maragatos. Essa ação era fundamental, pois a coluna era seguida de perto pela Divisão do Norte e seria colocada entre dois fogos.

Chachá Pereira, que apareceria alguns anos mais tarde, na Campanha de Canudos, resolveu entrincheirarse no Campo do Meio (Ametista). Ali cavou trincheiras, com cerca de 300 homens de infantaria, bem armados.

De longe os pica-paus viram quando a enorme coluna de cavalariáos libertadores se aproximava pela velha estrada das tropas. Piquetes de potreadores, pelos lados, percorriam os campos arrebanhando todo o tipo de gado que podiam reunir, para servir de suprimento aos seus e cortar o reabastecimento da Divisão do Norte.

Quando a vanguarda de Juca Tigre se apercebeu, estava frente à frente com os adversários entrincheirados. Era quase meio-dia. Lançaram cargas de cavalaria que foram repelidas pelos castilhistas. Tentaram aproximarse rastejando; não o conseguiram. O combate continuou no dia seguinte. À noite desse segundo dia os maragatos decidiram abrir uma

picada pelo mato e envolver a retaguarda de Chachá Pereira. Dito e feito: às primeiras horas da manhã os pica-paus foram postos entre dois fogos.

No local do combate, protegido por um mato, existe um cemitério com os corpos de maragatos e pica-paus que ali ficaram unidos pela morte. Sepultaram-nos moradores de Campo do Meio/Ametista.

Chachá Pereira reuniu seus principais assessores e decidiu uma ação temerária: abandonar tudo e abrir picada em direção à Colônia Militar de Caseros. Foram deixadas carretas com munições, objetos pessoais e até jóias de família. Cortando carrascais e terrenos íngremes, caçados por atiradores maragatos que os perseguiam por entre a selva, os pica-paus conseguiram chegar a Lagoa Vermelha. De lá, recuaram pelo Passo do Barracão para Santa Catarina, enquanto as lideranças castilhistas lagoenses abandonavam a cidade, segunido para Alfredo Chaves (Veranópolis).

Os relatos federalistas são completamente diferentes. Nestes, o combate não foi tão demorado. E as forças republicanas não teriam cometido os atos de bravura contados por ele e seus comandados.

Depois desse combate, a retaguarda maragata, comandada por Aparício Saraiva, ainda enfrentaria a Divisão do Norte, já no Município de Lagoa Vermelha.

8.5 Combate do Butiá

Aconteceu a 26 de novembro de 1893, na localidade de Butiá. Participaram do confronto um corpo federalista comandado pelo capitão Theodoro Ignacio da Veiga, irmão do coronel Verissimo Ignacio da Veiga e uma força da Brigada Militar comandada pelo capitão Eleutherio dos Santos Lima.

Os maragatos, com muito pouco armamento, foram apanhados de surpresa, tendo de abandonar o campo de batalha após um rápido combate.

8.6 Combate do Pontão

Foi travado no dia 1º de junho de 1894, a uma légua e meia (cerca de 9 quilômetros do Pontão, na Direção de Passo Fundo, entre a Divisão do Norte, que regressava do Paraná, reforçada pela Brigada Santos Filho.

Pelos dados disponíveis foi na localidade conhecida como Lagoa Bonita, onde reza a tradição oral que havia um velho cemitério, com mortos a poucos quilômetros da atual cidade de Pontão, um combate entre federalistas e pica-paus.

No combate, bastante rápido, uma avançada maragata enfrentou a vanguarda da Divisão do Norte. O piquete federalista cumpria a missão de atrair os legalistas para uma posição propícia a uma carga de lança seca, o que se viria, poucos dias depois, no Combate dos Três Passos.

Não ficou registro escrito de mortos e feridos entre as forças em luta.

8.7 Combate do Jabuticabal

No dia 4 de junho de 1894 a Divisão Norte, reforçada pelas Brigadas de Santos Filho e Firmininho de Paula, acampou na entrada de Passo Fundo, saída para a direção de Soledade. Hoje o local é ocupado pela Vila Jerônimo Coelho.

À tarde desse dia, os pica-paus travaram novo combate com um piquete maragato. Há o testemunho de que os revolucionários deixaram três prisioneiros.

A história oral registra que o combate aconteceu próximo do local onde hoje está localizado o Loteamento Jabuticabal. Do confronto, alguns combatentes caíram mortalmente feridos, sendo que um jovem morador das proximidades, de nome João Ribeiro, foi encarregado de transportar os mortos e dar-lhes sepultura. O rapaz usou um carroção de puxar barro para a olaria da família e os cadáveres foram lançados na sanga que separa a Vila Jerônimo Coelho, de uma chácara dos Irmãos Maristas, e cobertos com a terra do próprio barranco daquele córrego.

Nesse mesmo dia os castilhistas prenderam o "famigerado", como eles mesmos deixaram escrito, padre Manoel Thomaz de Souza Ramos que, poucos dias depois, foi degolado e enterrado nas margens do Jacuizinho, no local denominado Pinheiro Mercado, entre Carazinho e Santa Bárbara.

8.8 Outros Combates

Em minhas pesquisas sobre a Revolução Federalista em Passo Fundo consegui levantar informações sobre diversos combates de pequena intensidade realizados no município. Os dados, porém são muito limitados, especialmente, repito, porque se tratou de uma guerra irregular.

Como já deixei claro em textos publicados na imprensa passo-fundense, e em exposições feitas durante conferências e seminários, o que tivemos na região de Passo Fundo (especialmente depois da Batalha do Pulador) foi uma autêntica guerra de guerrilhas (maragatas) e contra-guerrilhas (pica-paus). E nesse tipo de guerra os registros que restam são muito poucos. É uma guerra silenciosa. E depois, os arquivos oficiais foram perdidos ou extraviados, como, também, sói acontecer nos combates contra guerrilheiros.

Termino repetindo: A revolução federlista em Passo Fundo foi o grande laboratório militar para as Guerras de Canudos, do contestado, da Coluna Prestes e dos movimentos revolucionários posteriores. Em todos eles sempre estiveram envolvidos veteranos da revolução da degola.

A Revolução Federalista representa um momento privilegiado da divisão fratricida iniciada com Manoel José das Neves e Joaquim Fagundes dos Reis, continuando ao longo da história local.

Bibliografia

Relaciono, abaixo, a bibliografia básica de onde re- tirei as informações constantes dos artigos reunidos em Combates da Revolução Federalista. Em respeito ao es- tilo jornalístico, alguns desses livros foram citados ao longo dos textos publicados na imprensa; outros não. Fiel ao entendimento solidamente assentado de que todo conhecimento é um patrimônio comum, deixo aqui meu agradecimento a todos os autores que contribuíram, com seus ensinamentos, para a realização destes estudos. Deixo de listar os colaboradores da história oral porque foram muitos ao longo de anos.

AVILA, Ney Eduardo Possapp d'. Passo Fundo: terra de passagem. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996.

AXT, Gunter; (et al). Júlio de Castilhos e o paradoxo republicano. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público, 2005.

BOEIRA, Nelson; CHAVES, Flávio Loureiro; DACANAL, José Hildebrando (Org.). RS: Cultura & ideologia. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

CABEDA, Rafael; COSTA, Rodolfo. Os crimes da ditadura: A história contada pelo dragão. Porto Alegre, Memorial do Ministério Público, 2002.
CALMON, Pedro.

História do Brasil. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1959. v. 6.

CARNEIRO, Luis Garcia. A identidade inacabada: o regionalismo político no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Edipuc/RS, 2000.

CARVALHO, Pedro. Campanha do coronel Santos Filho. Porto Alegre: Correio do Povo, 1897.

CASTELLANO, Nívio. Efemérides vermelhenses: notas para a história de Lagoa Vermelha. Lagoa Vermelha: [s.ed], 2002.

CORRÊA, Romanguera; CORUJA, Antônio Álvares Pereira; MORAES, Luiz Carlos de; CALLAGE, Roque. Vocabulário Sul-Riograndense. Porto Alegre: Editora Globo, 1964

DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sérgio (Org.). RS: economia & política. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

DOURADO, Angelo. Voluntários do martírio: narrativa da revolução de 1893. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1979.

DORNELLES, Sejanos. Gumersindo Saraiva: o guerrilheiro serrano. Caxias do Sul: Educs, 1988.

FÉLIX, Loiva Otero. Coronelismo, borgismo e cooptação política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

FERREIRA FILHO, Arthur. História geral do Rio Grande do Sul (1503/1974). 4. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

FILIPAK, Francisco. Dicionário sociolinguístico paranaense. Curitiba, Imprensa Oficial, 2002.

FLORES, Moacyr. Dicionário de História do Brasil. 2. ed. Porto Alegre: Edipuc/RS, 2001.

FRANCO, Sérgio da Costa. Júlio de Castilhos e sua época. 2. ed. Porto Alegre: Edufrgs, 1988.

GEHM, Delma Rosendo. Passo Fundo através do tempo. Passo Fundo: Multigraf, 1978. 1v

GEHM, Delma Rosendo. Passo Fundo através do tempo. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. 2v

GUASINA, Luis de Senna. Diário da revolução federalista. Porto

Alegre: EST, 1999.

GUIMARÃES, Antonio Ferreira Prestes. A revolução federalista em cima da serra. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

KURTZ, Lindolfo. Minha História do Pulador. In: Água da Fonte (Revista da Academia Passo-Fundense de Letras), Ano 3 - nº 4 - Abr./2006. pp. 5-7.

LOUREIRO, Alfredo Rico. O barão. In: Jornal Rotta. 1º a 31 de Jan./2006. Passo Fundo.

MORAES, Demétrio Dias de. A história de Lagoa Vermelha nos umbrais do centenário. Lagoa Vermelha: Planalto, 1977.

MORITZ, Gustavo. Acontecimentos políticos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público, 2005. Partes I e II

NASCIMENTO, Welci. Maragatos e pica-paus: por que *brigaram tanto?* Passo Fundo: Berthier, 1993.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. *Annaes município de Passo Fundo*. Coord. por Marília Mattos. Passo Fundo: Gráfica e Editora da UPF, 1990. v1 Aspectos Geográficos; v2 Aspectos Históricos; v3 Aspectos Culturais.

PEREIRA, Lafayette Silveira Martins Rodrigues. Quem foi Gaspar Silveira Martins. In: Discursos Parlamentares de Gaspar da Silveira Martins. Brasília: Câmara dos Deputados, 1979.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf (Org.). Coletânea de discursos parlamentares da Assembléia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1998. 1v.

REIS, Gomercindo dos. A batalha do Pulador: a simples evocação dos heróis de 93 fazia estremecer a ditadura getuliana. In: O Nacional. Passo Fundo: 26 de Jun./1948. Água da Fonte (Revista da Academia Passo-Fundense de Letras). Ano 1, nº 2, Nov./2004.

REVERBEL, Carlos. Maragatos e Pica-paus: guerra civil e degola no Rio Grande. Porto Alegre: L&PM, 1985.

RIBAS, Vasco José Taborda. A gente paranaense na revolução federalista. In: Fontes para a História da Revolução de 1892. Bagé: Edurcamp, 1990.

ROSA, Othelo. Júlio de Castilhos: perfil biográfico e escritos políticos. Porto Alegre: Globo, 1928.

RUSSOMANO, Victor. História Constitucional do Rio Grande do Sul (1835/1930). 2. ed. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1976.

SILVA, Riograndino da Costa e. Notas à margem da História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Editora Globo, 1968.

TAVARES, Francisco da Silva. Diários da Revolução Federalista de 1893. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público, 2004. 1v.

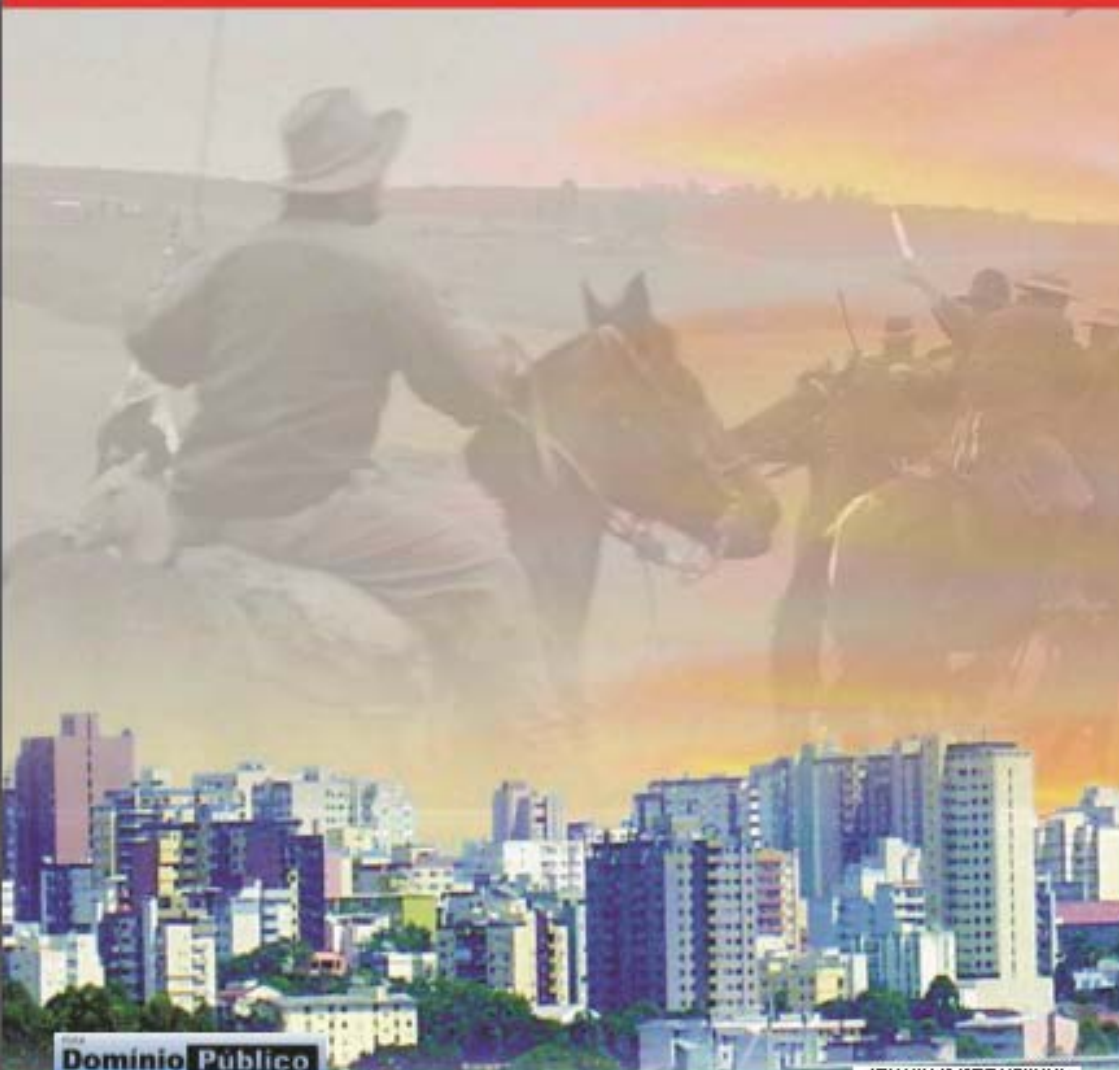
TAVARES, General Joca. Diários da Revolução Federalista de 1893. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público, 2004. 2v.

TRINDADE, Hégio. Poder político e autoritarismo no Rio Grande do Sul (1891/1937). Porto Alegre: Sulina, 1980.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Projeto
Domínio Público
Iniciativa do IUPERJ para disponibilizar em acesso livre



Projeto
Passo Fundo
Acesso Aberto

